

OLHARES SOBRE A MULHER

o jornal como fonte e recurso pedagógico



**OLHARES SOBRE A MULHER:
O JORNAL COMO FONTE E
RECURSO PEDAGÓGICO**

**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Apoios:



Cristina Satiê de Oliveira Pátaro
Frank Antonio Mezzomo

**OLHARES SOBRE A MULHER:
O JORNAL COMO FONTE E
RECURSO PEDAGÓGICO**

**CULTURA
ACADÊMICA** 
Editora

2016

Conselho Editorial

André Luiz Sena Mariano - Unifal

Andrea Braga Moruzzi - UFSCar

Leonardo Lemos de Souza - UNESP/Assis

Tania Zimmermann - UFMS

Vanda Serafim - UEM

Yonissa Marmitt Wadi - Unioeste

Impressão e Acabamento

Gráfica Triunfal e Editora - Assis/SP

Capa e Diagramação

Alex Sandro Junior de Oliveira

Capa

Lila Pacci

Ficha de identificação da obra elaborada pela Biblioteca
UNESPAR/Campus de Campo Mourão

O46 Olhares sobre a mulher: o jornal como fonte e recurso pedagógico /
Cristina Satiê de Oliveira Pátaro; Frank Antonio Mezzomo. São
Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.
110 p. : il. ; 21 cm

ISBN: 978-85-7983-781-4

1. Mulheres na Mídia. 2. Mulher na Sociedade. 3. História
do Jornal. 4. Cultura. I. PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira. II.
MEZZOMO, Frank Antonio. III. Título.

CDD 21.ed. 305.409
302.2244

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

CAPÍTULO 1

Anos 1960-70: o Jornal Folha do Norte do Paraná e as representações da mulher.....	11
--	----

CAPÍTULO 2

Diferentes olhares sobre a mulher nos espaços público e privado: reflexões e atividades.....	21
Mulher e propaganda.....	21
Mulher e trabalho.....	36
Mulher e beleza.....	45
Mulher e família.....	52
Mulher e modelos de conduta.....	62

CAPÍTULO 3

Representações da mulher na mídia impressa: uma experiência de análise a partir do Jornal Folha do Norte do Paraná.....	75
Divórcio.....	77
Erotismo.....	81
Aborto.....	88
Concluindo.....	92

SOBRE OS AUTORES.....	101
-----------------------	-----

GRUPO DE PESQUISA CULTURA E RELAÇÕES DE PODER.....	103
--	-----

APRESENTAÇÃO

O livro *Olhares sobre a mulher: o jornal como fonte e recurso pedagógico* tem como objetivo trazer discussões, materiais e atividades que possam auxiliar os docentes da Educação Básica no trabalho com temáticas relativas às mulheres e às relações de gênero, utilizando como base o Jornal Folha do Norte do Paraná. Embora o material produzido tenha como foco principal os eixos estruturantes e conteúdos da disciplina de História, as ideias aqui presentes poderão ser também utilizadas e adaptadas a outras disciplinas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, em especial da área das Ciências Humanas.

Este trabalho – que atualiza e amplia uma primeira versão produzida em 2014, disponibilizada em forma de material didático e distribuída para escolas do Núcleo Regional de Educação de Campo Mourão – foi elaborado por pesquisadores vinculados ao grupo de pesquisa Cultura e Relações de Poder, da Universidade Estadual do Paraná, Câmpus de Campo Mourão. É parte dos resultados de investigações desenvolvidas desde 2011 pelo referido Grupo de Pesquisa, a partir do Jornal Folha do Norte do Paraná, com apoio do CNPq e da Fundação Araucária.

No que diz respeito à temática das relações de gênero e as possibilidades de sua abordagem junto aos conteúdos da Educação Básica, a literatura tem apontado uma lacuna existente na formação de professores, de modo que a problematização de tais questões em

momentos de capacitação dos docentes pode trazer importantes resultados ao trabalho desenvolvido nas escolas.

Em paralelo, os objetivos, prioridades e metas estabelecidos pelo *Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (2013-2015)* destacam a importância de problematização das representações de gênero, muitas vezes discriminatórias, presentes nos veículos de comunicação e utilizadas, em muitos momentos, como formas de vigilância e controle do corpo e da sexualidade das mulheres. Assume-se, nesse sentido, a necessidade de enfrentamento das diferentes formas de violência presentes na sociedade, entendendo a normatização do corpo e da sexualidade como uma violência simbólica imposta sobre as mulheres, na medida em que dita regras, valores, comportamentos e papéis que, em muitos casos, reforçam as relações de desigualdade e de dominação do feminino pelo masculino.

O material está organizado em três capítulos. O primeiro deles, intitulado “Anos 1960-70: o Jornal Folha do Norte do Paraná e as representações da mulher”, apresenta um embasamento teórico-metodológico acerca da utilização do Jornal Folha do Norte do Paraná (décadas de 1960 e 1970) como fonte e como recurso pedagógico no ensino, com vistas à discussão de questões referentes à mulher e às relações de gênero na sociedade.

No segundo capítulo, “Diferentes olhares sobre a mulher no espaço público e privado: reflexões e atividades”, são destacados cinco temas – propaganda, trabalho, beleza, família e modelos de conduta – que se articulam às representações da mulher presentes no Jornal Folha do Norte do Paraná, buscando-se, em cada um deles, compreender as características da fonte histórica e suas relações com o contexto de produção. Nesse movimento, são, ainda, apresentadas sugestões de outros materiais e propostas de atividades para serem desenvolvidas por docentes junto à Educação Básica.

Já no terceiro capítulo, “Representações da mulher na mídia impressa: uma experiência de análise a partir do Jornal Folha do Norte do Paraná”, convidamos o leitor a acompanhar um exercício de análise das representações da mulher a partir da fonte histórica aqui explorada, no que se refere às discussões em torno do divórcio, da erotização e do aborto no início da década de 1970.

Por fim, cabe destacar que as propostas indicadas neste livro não esgotam as possibilidades de trabalho, e que as sugestões de atividades didáticas apresentadas podem ser adaptadas e complementadas, a depender do público atendido, dos conteúdos a serem abordados e das necessidades de cada docente e escola.

Esperamos que o material, ao acenar alguns caminhos e questionamentos, sirva como ponto de partida para novas elaborações e problematizações quanto às relações de gênero, o papel da mulher na sociedade e, ainda, a utilização do jornal como fonte e como recurso pedagógico no ensino.

Os autores.
Maio de 2016.

CAPÍTULO 1

Anos 1960-70: o Jornal Folha do Norte do Paraná e as representações da mulher

O Jornal Folha do Norte do Paraná, conhecido por muitos como o Jornal do Bispo, representa parte do patrimônio imaterial produzido pela Igreja Católica da diocese de Maringá, tendo se constituído como a principal mídia impressa da Igreja entre as décadas de 1960 e 1970. Foi fundado por Dom Jaime Luiz Coelho, arcebispo daquela diocese, no ano de 1962, a princípio para propagar a fé cristã, e teve suas atividades encerradas em 1979. Alternou entre períodos de circulação diária e semanal, sendo entregue em mais de 90 cidades e mantendo sucursais em capitais como Curitiba, São Paulo e Florianópolis. Além de Maringá ser uma das principais dioceses do norte do Paraná, é sede Provincial, o que representa, em grande parte, a síntese de toda a dinâmica religiosa presente nas dioceses sufragâneas de Campo Mourão, Umuarama e Paranavaí. Tais fatores caracterizam sua relevância em toda a região nesse período.

Entre os anos de 1964 e 1973, quando o jornal esteve sob a administração de Joaquim Dutra, passou a apresentar um formato diferenciado, com várias colunas assinadas, utilizando frequentemente o recurso fotográfico, aumentando a quantidade de anúncios e valorizando as notícias regionais, além do discurso religioso cristão presente, muita das vezes, pela voz do bispo de Maringá, Dom Jaime Coe-

lho, além de outros porta-vozes do sagrado, como padres e lideranças religiosas vinculadas a setores eclesiais, congregações e dioceses de outras regiões do Brasil (ROBLES, 2007, p. 214). Neste período, ainda, o jornal chegou a alcançar uma tiragem significativa de 7 mil exemplares diários, contando com cerca de 16 páginas diárias distribuídas em dois cadernos (PAULA, 2011, p. 65). O jornal, símbolo na época de inovação tecnológica na mídia impressa da região, findou sua circulação em 1979.

Ainda sobre o periódico, cabem algumas considerações referentes à sua caracterização. Pode-se afirmar que o Jornal esteve afinado com o ideário eclesial da boa imprensa, cujo pilar consistia na divulgação e reafirmação do catolicismo como instituição legítima e estruturante da sociedade. A boa imprensa, composta por uma série de publicações muitas vezes coordenadas por clérigos, deveria ser a bandeira do catolicismo oficial, propagando as “corretas” formas de conduta diante dos avanços e mudanças propagadas pelo desenvolvimento urbano e econômico do país (RIBAS, 2011).

A criação e expansão da Folha do Norte do Paraná estão inseridas na fase da consolidação e intensificação do Regime Militar brasileiro (1964-1985), assim como do aumento das mobilizações sociais que lutavam pelo retorno da democracia. Ademais, somam-se as mudanças econômicas no país, como o processo latente da industrialização, urbanização e dos investimentos intensos no agronegócio, vivenciados durante período do chamado Milagre Econômico, quando grande parte das mídias nacionais passa a enfatizar o discurso de modernização e integração nacional (PEREIRA; COELHO, 2010). O norte paranaense, por sua vez, impulsionado pelos discursos de promoção nacional, passou a mecanizar sua produção agrícola e acelerar o crescimento urbano (TOMAZ, 2010; CAMPOS, 1999; CASA-GRANDE, 1999; DIAS, 1999).

Ao lado da estruturação do jornal, salienta-se o momento eclesialístico pelo qual passava a recém-criada diocese de Maringá (1956): ampliação dos serviços religiosos, como organização de capelas e paróquias, institucionalização de diretrizes e normas eclesiais, definição de plano de pastoral, entre outros, e a criação da Frente Agrária Paranaense, iniciativa de Dom Jaime Coelho, cuja intenção foi inibir a expansão do sindicalismo de inspiração comunista no norte do Paraná (DIAS; GONÇALVES, 1999). O jornal, ao que parece, é utilizado como veículo privilegiado na defesa dos interesses da Igreja e de grupos sociais da região.

No período ocorre, ainda, a realização do Concílio Vaticano II (1962-1965), evento intra-ecclesial que impulsionou profundas mudanças litúrgicas e sociais no Brasil e no mundo, seguido da Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Medellín em 1968. Estando o Jornal Folha do Norte do Paraná vinculado à Igreja Católica, torna-se possível identificar os ventos de renovação da Igreja oriundos de tais transformações, bem como analisar as mudanças e permanências impulsionadas pelo Concílio Vaticano II e pela Conferência de Medellín, enfatizando as possíveis inovações da Igreja Católica no Brasil.

No contexto brasileiro, as décadas de 1960 e 1970 representam uma fase de instabilidade política e transição do período democrático para a instauração do Regime Militar, em 1964, que provocou grandes transformações na sociedade e se estendeu até meados da década de 1980. O início da década de 1970 é marcado pela fase de endurecimento do regime militar (Governo Médice, 1970-1974), com repercussões nas eleições proporcionais e majoritárias ocorridas em nível local, estadual e nacional (ALCÂNTARA, 1999), além, evidentemente, da interveniência do regime na imprensa. Ao final dessa década, o Brasil vive sob a presidência de Ernesto Geisel, uma tentativa, ao menos discursiva, de mudança lenta, gradual e segura.

Já no cenário mundial, destaca-se no período, sobretudo, o conflito, tensão e especulações geradas em função da Guerra Fria, além do movimento da contracultura que se organiza com manifestações de protesto, em especial dos segmentos juvenis, contra uma sociedade conservadora.

Especificamente para as discussões acerca do gênero, os anos de 1960 e 1970 representam um momento de grande relevância, com a “explosão do feminismo” (SOIHET; PEDRO, 2007), os questionamentos em torno do controle legal da procriação e a parcela cada vez maior de mulheres que ingressavam no mercado formal de trabalho (ROSA, 2009). Diversos fatores – tais como as mudanças que estavam ocorrendo no país por razão do regime militar, expansão do sistema educacional e também do mercado de trabalho, o processo de modernização, o acesso aos métodos anticoncepcionais, entre outros – contribuíram para a intensificação do feminismo no Brasil nos anos 1970. Nesse ponto, vale mencionar que o ano de 1975 foi declarado pela ONU como o Ano Internacional da Mulher, devido ao impacto causado pelo feminismo norteamericano e europeu, o que demonstra o fervor das discussões em torno da temática e trouxe ainda mais força para o debate acerca da condição feminina em todo o mundo. No Brasil, a modernização que o país vinha passando desde 1960 gerou mudanças na situação da mulher, colocando em discussão a hierarquia tradicional de gênero. O feminismo inicialmente apareceu nas ruas, surgindo naquele período como resultado da resistência de um grupo de mulheres ao regime militar, após as derrotas daquelas que acreditavam na luta armada. Esse processo ocorreu em plena censura das ditaduras latinoamericanas (SARTI, 2004).

O feminismo no Brasil, na década de 1970, foi marcado pela oposição à situação política que o país vivenciava desde 1964, quando a ditadura militar foi instaurada. Segundo Sarti (2004), os grupos

feministas estavam em grande parte ligados a organizações de base marxista, consideradas clandestinas naquele período, e envolvidos intensamente na oposição ao regime militar. De acordo com Gianordoli-Nascimento, Trindade e Santos:

A participação feminina nas organizações de militância política e luta armada, no Brasil dos anos 1960 e 1970, pode ser tomada como um indicador das “rupturas iniciais” que estavam ocorrendo no que era designado, à época, como próprio das mulheres, colocando em questão a tradicional hierarquia de gênero. (GIANORDOLI-NASCIMENTO; TRINDADE; SANTOS, 2007, p. 360).

Naquele momento questionavam-se as relações de poder entre homens e mulheres, assim como na sociedade em geral. A presença feminina nesse movimento marcaria seu processo de emancipação, pois esses grupos contestavam a ordem vigente. Dessa forma, a militância política foi relevante para o processo de emancipação da mulher.

A construção de uma historiografia que contemplasse também as mulheres percorreu uma longa trajetória, desenvolvendo conceitos que passaram por redefinições ao longo de cinco décadas de pesquisas. Destarte, é no cenário do início da década de 1980 que surge o conceito gênero, derivado da própria linguagem, procurando substituir a palavra sexo e reforçando a ideia de que as desigualdades e diferenças entre homens e mulheres não dependem do sexo, e sim da cultura (PEDRO, 2005). Dentro dessa perspectiva, Scott propõe o uso da categoria gênero para a legitimação da História das Mulheres, uma vez que esse conceito carregaria uma carga menos de apelo político que a categoria mulher. Dessa forma, o gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais”, ou seja, a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres (SCOTT, 1994). Além disso, é válido mencionar as contri-

buições advindas dos filósofos pós-modernos que propunham a busca pela revelação do “processo artificial de construção das unidades conceituais, temáticas supostamente ‘naturais’: a **desconstrução** das sínteses, das unidades e das identidades ditas naturais” (RAGO, 1998, p. 5, grifo da autora).

Entendemos que as representações de gênero presentes na sociedade contribuem de forma intensa para a formação, nos indivíduos, do seu eu social, de seus padrões diferenciais de comportamento, e dos modelos com os quais devem se identificar, além de definir valores, atividades e condutas de cada um dos sexos, gerando muitas vezes relações de desigualdade entre mulheres e homens.

Moreno (1999) destaca a presença, em nossa sociedade, de uma visão de discriminação entre os sexos. A autora afirma ainda que tanto nosso comportamento como a forma que pensamos, sentimos, falamos, sonhamos ou fantasiamos são influenciados pela imagem que possuímos de nós. Essa imagem é construída com base nos modelos oferecidos pela sociedade em que vivemos. Assim, não é a biologia que condiciona nossos limites e possibilidades, nosso comportamento e modo de ser, mas a sociedade e a cultura que exercem também influências no processo de constituição do ser humano. Nessa dinâmica, as imagens de homem e de mulher transmitidas pela sociedade acabam por conduzir os sujeitos a valores, crenças e visões de mundo que estabelecem, muitas vezes, relações de desigualdade entre os gêneros.

Diante dessa realidade, os estudos de gênero buscam superar a visão naturalizante das diferenças entre homens e mulheres, a qual acaba por atribuir às especificidades biológicas a inferioridade feminina e a dominação masculina, justificando as desigualdades e injustiças presentes na relação entre ambos. A partir da utilização do conceito de gênero, a inferiorização das mulheres passou a ser questionada, e a relação entre homens e mulheres – caracterizada muitas vezes pela

assimetria e pela hierarquização – passou a ser vista como permeada por relações de poder (VIANA; RIDENTI, 1998; SOIHET; PEDRO, 2007; ROSA, 2009).

De acordo com Pinsky (2012), é relevante conhecer as representações que predominam em dado momento, uma vez que essas representações afetam o modo de agir, ser e pensar dos indivíduos, assim como suas escolhas de vida e o espaço que ocupam nessa sociedade. O discurso em relação ao que seria “próprio da mulher” influencia políticas públicas, procedimentos jurídicos, valor de salários, educação, prescrições religiosas e também as investigações e as epistemes da ciência em cada período.

* * *

As considerações apontadas acima buscaram destacar a constituição do Jornal Folha do Norte do Paraná, em meio ao intenso processo de mudanças sócio-culturais nacionais e internacionais das décadas de 1960 e 1970. Tal movimento ocorreu no bojo das transformações vivenciadas pelas próprias instituições, tais como o Estado e a Igreja, trazendo ainda influência a outros setores da sociedade, com mudanças inclusive no espaço ocupado pela mulher.

É na esteira de tais questões que devem ser analisados os materiais presentes neste livro, que enfoca a utilização do Jornal Folha do Norte do Paraná no trabalho com as relações de gênero junto à Educação Básica, como vimos discutindo em materiais anteriores (PÁTARO; MEZZOMO, 2014, 2015). A este respeito, é importante ressaltar os procedimentos teórico-metodológicos necessários para a análise do jornal como fonte. Tal perspectiva aponta para a importância de se conhecer a equipe que produz o periódico, os seus patrocinadores, anunciantes e assinantes a fim de mapear os interesses e

relações de poder que permitem a produção e circulação do periódico (SILVA; FRANCO, 2010). É importante, assim, pensar o jornal no contexto de sua produção e inserção histórica enquanto força ativa da vida moderna, muito mais ingrediente do processo do que registro dos acontecimentos, atuando na constituição de nossos modos de vida, perspectivas e consciência histórica (DARNTON, 2010).

Ademais, no que se refere à utilização da imprensa como fonte histórica, vale o registro acerca da compreensão de que a mesma não deve ser encarada como um mero veículo de informações, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político social na qual se insere, ou mesmo como apenas instrumento de dominação, manipulação de interesses e de intervenção na vida social, utilizado pelas classes dominantes (DE LUCA, 2008).

Quanto ao ensino de História, podemos dizer que, a partir da segunda metade do século XX, os conteúdos e métodos na Educação Básica passaram a ser vistos a partir de novas perspectivas, abandonando as concepções comumente denominadas tradicionais e positivistas (CAINELLI, 2010). Nesse movimento, começam a ser enfatizadas novas formas de ensino e aprendizagem em história, nas quais o trabalho com diversas fontes documentais passa a ser relevante para o processo de construção do conhecimento histórico pelos alunos. Tal perspectiva acaba influenciando, inclusive, a produção de novas orientações curriculares em âmbito nacional e nos diferentes estados brasileiros, materializadas, por exemplo, nos Parâmetros Curriculares Nacionais e, no caso do Paraná, nas Diretrizes Curriculares para a Graduação em História.

No que se refere à utilização do jornal como fonte e recurso pedagógico no ensino de História, podemos dizer que, a despeito das novas orientações – as quais vêm incentivando a utilização das diferentes linguagens no ensino e na pesquisa –, Cruz e Peixoto (2007)

destacam que poucos são os estudos acerca dos procedimentos teórico-metodológicos adequados para o trabalho especificamente com a imprensa. Assim, em muitos casos, os jornais acabam sendo tomados como meras fontes de informação, focando-se nos assuntos em pauta encarados, em muitos casos, de forma descontextualizada.

Nesse sentido, é importante que sejam pensadas estratégias de trabalho com o jornal impresso a partir das quais o ensino de História conduza à construção de conhecimento mediante um processo semelhante ao que é desenvolvido na pesquisa histórica – envolvendo, portanto, a possibilidade de levantar hipóteses, construir narrativas, analisar documentos diversos, relacionar e compreender vivências, práticas e significados de diferentes tempos e espaços (CAINELLI, 2010).

É este o olhar, portanto, que deve orientar a leitura e utilização do material contido nos próximos capítulos.

Sugestões de Leitura

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher**: amor, sexo, casamento e trabalho em mais de 200 anos de história. São Paulo: Planeta, 2014.

FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, Ana Cristina Teodoro da. Introdução à análise das imagens de imprensa. In: PÁTARO, Cristina; MEZZOMO, Frank; HAHN, Fabio (orgs.).

Instituições e sociabilidades: religião, política e juventudes. Campo Mourão: Editora Fecilcam, 2013, p. 103-122.

SKURA, Ivania. **Sociedade e imprensa:** representações de beleza de mulher no jornal Folha do Norte do Paraná. 118f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2015.

CAPÍTULO 2

Diferentes olhares sobre a mulher nos espaços público e privado: reflexões e atividades

Mulher e propaganda

No Jornal Folha do Norte do Paraná, as propagandas estavam dispostas ao longo de todo o caderno, em geral na parte inferior das páginas, de tamanhos variados e apresentando textos e figuras (fotografia ou desenhos). Por sua característica comercial, o Jornal trazia anúncios de diversos produtos e estabelecimentos, e de diferentes anunciantes regionais e nacionais. Uma análise das propagandas presentes no Jornal permite identificarmos a intensificação dos processos de urbanização, industrialização e modernização pelos quais passavam o Brasil e o estado do Paraná no período.

Durante os primeiros anos de circulação do periódico, em 1962 e 1963, pode-se afirmar que praticamente não há propagandas direcionadas às mulheres. As propagandas publicadas no Jornal são em geral referentes a veículos, serviços e peças para automóveis, máquinas, equipamentos e insumos agrícolas, cigarros, lâminas e aparelhos de barbear (que a partir de 1964 são ofuscados pelos barbeadores elétricos). As imagens a seguir ilustram o tipo de propaganda que representa esse período:



16 out. 1962



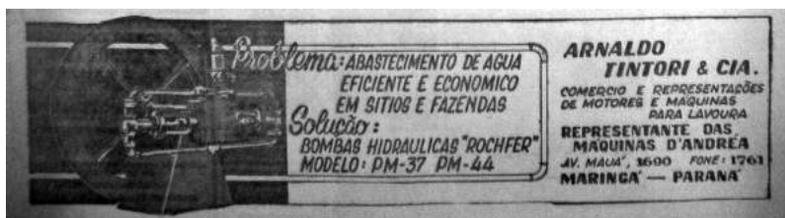
05 mar. 1963



19 mar. 1963



15 dez. 1963



20 out. 1962

Com relação aos conteúdos que, de alguma forma, faziam referência à mulher, ainda nos anos de 1962 e 1963, cabe destaque a algumas das propagandas publicadas. Nesses (poucos) casos, a imagem da mulher é sempre utilizada para reforçar a venda de produtos voltados para o homem, o “chefe de família”. A propaganda a seguir, por

exemplo, faz alusão ao homem que tem a mulher (esposa) e os filhos “em suas mãos”. O anúncio, cuja intenção é comercializar um título de sócio-proprietário de um hospital, fortalece a representação da mulher enquanto mãe e dependente do marido, ao mesmo tempo em que o homem aparece como provedor e responsável pelo sustento da família.



29 nov. 1962



04 jul. 1972

Podemos dizer que essa representação permanece ainda por muito tempo. O anúncio a seguir, veiculado uma década depois, em 1972, confirma essa constatação:

As propagandas a seguir trazem implícita essa mesma relação de dependência. A baixa frequência de propagandas que têm a mulher como público alvo dos produtos anunciados indica ainda que, nesse período, a mulher não era tida como potencial consumidora – re-

alidade que, ao que demonstra o Jornal Folha do Norte do Paraná, começa a se modificar nos anos seguintes.



Nós já compramos
o presente e

Elite
MAGAZINE.

Agosto
11
DOMINGO
Dia do
Papai

oferece o
que há
de
melhor!

Avenida Brasil, 3781 - Maringá

06 ago. 1963



PRESENTES
Gillette

MARCA REGISTRADA
ALIEGRAM O CORAÇÃO

Natal inesquecível! Um presente Gillette renova as
todas as dias, no momento do carinhoso abraço!
Quando você oferece um presente Gillette — Meninas
ou Aparentes — você presentea sua lembrança mais
querida — presentes Gillette alegrem o coração!

Estilo Novo/Campelo®
Linha super-premium, com a
fórmula exclusiva Gillette Razor-TECH®
e o antilápis Trizact® de última
Gilette Aqual.

22 dez. 1963

A partir dos anos de 1964 e 1965 – e cada vez com maior frequência nos anos posteriores – passam a se intensificar as propagandas comerciais publicadas no Jornal Folha do Norte do Paraná. Além de mais frequentes, é possível perceber algumas mudanças tanto no que diz respeito à produção dos anúncios quanto no que tange aos produtos e serviços divulgados. São os reflexos da modernização – inclusive da imprensa – fazendo-se cada vez mais presentes nas páginas do Jornal. Roupas, calçados e acessórios, móveis e decorações, eletrodomésticos, automóveis, discos e filmes... aos poucos novos estabelecimentos comerciais e novos produtos co-

meçam a se fazer presentes nas propagandas publicadas, fazendo uso cada vez mais de imagens – fotografias, logotipos e não mais apenas textos e desenhos. Essa realidade regional está em sintonia com o contexto desenvolvimentista pelo qual passava o Brasil, com ênfase na valorização da mentalidade consumidora, na oferta de novos produtos e bens de serviços, que passam a configurar novos padrões de consumo doméstico (MELLO; NOVAIS, 2006).

Nesse contexto, é importante ressaltar que cada vez mais a mulher passa a ser alvo dos produtos comercializados e dos serviços oferecidos. As propagandas vão, aos poucos, fazendo cada vez mais uso da imagem feminina, em mensagens que têm como destinatária a própria mulher, enquanto público alvo dos anúncios publicados.

Podemos afirmar que as propagandas presentes no Jornal que são direcionadas às mulheres estão relacionadas a cuidados com o lar e os filhos, em anúncios de produtos ou serviços que se ligam ao espaço e à função destinados à mulher na sociedade. Assim, a propaganda a seguir, por exemplo, traz a mulher ao lado de utensílios domésticos como liquidificador, ferro elétrico de passar roupa, enceradeira, entre outros. A mulher apresenta-se sorridente, radiante e elegante, denotando contentamento diante das facilidades trazidas pelos “fabulosos produtos” que estão “presentes em mais de 5 milhões de lares brasileiros”. Ao final, a propaganda arremata: “o que é que falta para você?”.

Seu lar merece Walita de Hermes Macedo. Ofertas que são verdadeiros presentes!

tôda a linha **Walita** sem entrada mesmo ou 12 pagamentos iguais sem acréscimo!

Pród. do Walita para todo mundo, presentes que já estão presentes em mais de 5 milhões de lares familiares. Liquidadores, botulinas, aspiradores, aspiradores de pó, Walita Mito, ferro-automático o que é que falta para você? E MAIS AINDA...

A Sra. Walita para São Paulo para não esquecer o aniversário e entrar em roupas leves, demonstrando o jeito, no Estabelecimento Walita.

E agora que você deve esquecer!

Hermes Macedo %

As lojas famosas da cidade.



07 set. 1969

Inaugurada Domingo o Super Mercado Cravinho



Crescemos Com o Apoio de Todos

O Super Mercado Cravinho, inaugurado no domingo, 09 de abril de 1968, em Maringá, Paraná, é o resultado de um projeto que nasceu há mais de 10 anos. O objetivo era criar um ponto de encontro para a comunidade, onde a mulher pudesse encontrar todos os produtos necessários para o lar, em um ambiente agradável e bem servido. O Super Mercado Cravinho oferece uma ampla variedade de produtos, desde alimentos frescos até artigos de limpeza e higiene. Com o apoio de todos, estamos crescendo e trabalhando para oferecer o melhor serviço ao cliente.

Super Mercado CRAVINHO
O Super Mercado Mais Completo de Maringá
Av. Brasil, 4.170

09 abr. 1968

Já na propaganda de supermercado, podemos ver uma mulher com uma criança, escolhendo um detergente em pó na seção de produtos de limpeza. Mais uma vez, a mulher é utilizada na propaganda associando sua função ao mundo privado, doméstico, onde teria a responsabilidade pelo cuidado dos filhos e marido.

Outras propagandas, a seguir, ilustram esse movimento, que passa a ver nas mulheres um novo e promissor público consumidor.

...não sabe o que fazer para o almoço, hoje?

A ESCOLINHA
Walita
ENSINA! (CONTINUA)

Não hesite mais em sua casa com as ideias, dicas e sugestões reunidas de especialistas Walita. Pratos novos e saborosos, dicas para a utilização da geladeira, da geladeira, uma delícia de bolo, um bolo mais gostoso para cada ocasião. No fim das contas a sua receita em um cardápio a o diploma da "Escola de Casa Viva".

Há poucas vezes em que você não possa encontrar as melhores dicas para o almoço e o jantar em um só lugar.

Inscreva-se na ESCOLINHA
Walita

Local: Loja Plenolar - Av. Brasil, 3409

PLENOLAR FUGA!!!
a sua melhor amiga!

13 jun. 1967

FOGÕES É COM A
PLENOLAR

PLENOLAR ALFA LEO 1200 W A 1200 W A 1200 W A 1200 W	PLENOLAR ALFA LEO 1200 W A 1200 W A 1200 W A 1200 W	PLENOLAR ALFA LEO 1200 W A 1200 W A 1200 W A 1200 W	PLENOLAR ALFA LEO 1200 W A 1200 W A 1200 W A 1200 W	PLENOLAR ALFA LEO 1200 W A 1200 W A 1200 W A 1200 W
PLENOLAR ALFA LEO 1200 W A 1200 W A 1200 W A 1200 W	PLENOLAR ALFA LEO 1200 W A 1200 W A 1200 W A 1200 W	PLENOLAR ALFA LEO 1200 W A 1200 W A 1200 W A 1200 W	PLENOLAR ALFA LEO 1200 W A 1200 W A 1200 W A 1200 W	PLENOLAR ALFA LEO 1200 W A 1200 W A 1200 W A 1200 W

...PLENOLAR...
nós vendemos pelo preço que anunciamos

08 jan. 1969

Então seu marido gosta muito de "Paozinho Especial"? Olhe, esta receita é maravilhosa e não falha. Mas não use um fermento qualquer. Tem que ser Fermento Sêco Fleischmann.

PAROQUIA ESPECIAL.
O pãozinho especial é feito com o melhor fermento Sêco Fleischmann. É um pãozinho especial, com um sabor especial, que não se encontra em nenhum outro lugar.

MODO DE PREPARAR.
Bata os ingredientes e misture bem. Deixe descansar por 15 minutos. Depois disso, coloque no forno e deixe assar por 15 minutos. Depois disso, retire do forno e deixe esfriar.

FERMENTO SÊCO FLEISCHMANN

13 jul. 1969

Senhoras e Senhoritas já Tem Onde Abastecer Seus Veículos

A SOMACO S/A, especializada em veículos, tem a "SOMACO" sua máquina, capaz de lavar, limpar e abastecer rapidamente. Ela, além disso, também abastecer e a gás de cozinha de 40 litros, semestral e até 100.

SOMACO S/A.
Praça José Bonifácio - Fones: 3413 - 3416

23 nov. 1968

Ainda com relação às propagandas presentes no Jornal, ganham destaque aquelas que anunciam produtos e serviços referentes aos cuidados com a beleza e o corpo da mulher. Essa preocupação se reflete de forma cada vez mais intensa nos anúncios publicados, nos estabelecimentos comerciais que passam a se instalar nas cidades e nos produtos lançados e comercializados.



12 jun. 1964



14 out. 1967

Por fim, cabe apontar que a utilização da imagem da mulher nos anúncios apresentados traz uma representação de alguém dedicada ao lar e à família, associando a figura feminina como a responsável pelos cuidados domésticos. Assim, a recorrência a esta representação parece adequada para incentivar a venda e o consumo de produtos e serviços em que a mulher é a principal interessada. Ninguém melhor para ajudar a vender produtos domésticos do que elas, que vão comprá-los e utilizá-los em seu lar. A este respeito, Miguel (2012) afirma que essas propagandas:

apresentam um retrato da função social esperada pelas mulheres da época, função esta diretamente vinculada ao cuidado de si, ao cuidado da casa e ao cuidado dos outros, incluindo, aí, os filhos e o marido. Indicando, dessa forma, o papel social vinculado às mulheres nesta época: ser esposa e mãe. (MIGUEL, 2012, p. 222).

Em especial na década de 1970, o Jornal apresenta diversos anúncios em que sobressaem a elegância e o charme da mulher, em poses e olhares que transmitem segurança e atitude, conforme ilustrado pelas imagens a seguir.



10 jun. 1973



06 set. 1973

Ainda quanto ao uso da imagem da mulher para vender um produto, pode-se destacar as propagandas direcionadas ao público masculino. Os anúncios de pneu, abaixo, procuram salientar as coisas boas da vida e a necessidade de segurança para apreciar esses momentos: o consumidor deve confiar na marca de pneu anunciada.

Coisas que fazem a vida boa!

Quem gosta das coisas boas da vida, jamais desconfia-se do carro. Os pneus são parte integrante do seu carro. Na hora de trocar, nada melhor que um bom revendedor que tenha sempre pneus e serviços de primeira linha.

JABUR PNEUS tem tudo que você merece: bons preços, serviços de primeira e parte de seu veículo, completa linha de pneus Firestone.

JABUR S.A. PNEUS

Av. Brasil, 9000
Tel.: 2-3826 e 2-4171
Maringá

• Departamento de Ref. e Substituição de rodas
• Montagem e outros serviços • Cintos de segurança

Firestone

03 jun. 1973

Além de tudo, Firestone é segura. Váze com Firestone. Não troque pelas outras marcas de pneus. Não acalhe. Não chateie. Não tome no seu casamento. Não deixe. Não corra mais com outros. Váze confiante na parte dos pneus testados pela Fórmula 1.

Firestone
é certeza na chegada.

JABUR S.A. PNEUS

Av. Brasil, 9.000 - Tel.: 2-3826 e 2-4171
Maringá

26 jun. 1973

Levanta quando na frente e, prosseguir
empurrar, andar e pular a seguir que
você se tornará sua esposa!

Levanta ainda quando você
reclama que as coisas de um homem
são mais do que, e vice-versa?

Por isso, não deixe a comunhão de bens
que W. oferece com sua
esposa. Não se deixe levar por
coisas da casa.

Com 1.300, você se livra de pagar que
aquele que quer faz tudo a casa com
para o lar. Também evita a divisão
de bens, o que é, mesmo muito mais, e quanto de

securar se equilibra primeiro, este
Revolucionar Volkswagen aqui está
para ser sua única preocupação.
Compre um Sedan VW 1.300 e di-
vide sua mulher. Os, fique com o
e o seu marido.

Não tenha um 1.300 na realidade
do seu casamento. Com o Sedan plena
de manutenção.

Você buscar todo o 1.300 que está
fazendo na vida de vocês.

E que não deve ser motivo de brigas.
Cada momento é para
reconstruir, Amém.

É isto que nós entendemos por comunhão de bens.

Estamos Aceitando Sem Interrupção
Das 7 às 19 horas

SOMACO S/A

Praça José Bonifácio Maringá
O maior revendedor VW do Paraná

15 set. 1973

Já na propaganda de carro, argumenta-se no sentido de que a comunhão de bens selada pelo casamento não se restringe à casa, mas a outros bens, de modo que para evitar discussões em relação à divisão e usufruto dos bens do casal, sugere-se a aquisição de mais um veículo, beneficiando a mulher, aquela que “faz mil e uma coisas no lar”.

Por fim, podemos dizer que, por meio das propagandas, é possível identificar mudanças na sociedade e nas práticas culturais. Os anúncios de restaurantes a seguir, publicados no ano de 1977, trazem em suas imagens a representação da mulher sempre acompanhada de um homem, sugerindo ser seu esposo: o provedor e o responsável pelas finanças da família.



04 mar. 1977



20 mar. 1977

Parece muito frequente, nesse período, a imagem do homem como o chefe de família, que sustentava a casa por meio de seu trabalho, e o papel da mulher seria o de dona de casa, que cuida das tarefas domésticas, do esposo e dos filhos. Entretanto, é importante destacar que, por meio desses anúncios, constata-se também uma nova posição ocupada pela mulher, indicando mudanças nas práticas sociais: as mulheres começam a trabalhar fora do lar e, por consequência, a família precisa almoçar em um restaurante, tendo em vista que ela não disporia mais de tempo para se dedicar à cozinha.

Materiais e Atividades



Representações da mulher nas propagandas das décadas de 1960 e 1970

Na sequência são apresentados dois fragmentos de textos de autoria de Margareth Rago e Carla Pinsky. Após a leitura, fazer uma análise das representações da mulher presentes nas propagandas das páginas 36 a 39 e responder: que relações é possível estabelecer entre as mudanças ocorridas ao longo das décadas de 1960/1970 e as representações da mulher que passam a ser veiculada nas propagandas?

TEXTO 01

De modo geral, no momento em que a industrialização absorveu várias das atividades outrora exercidas na unidade doméstica – a fabricação de tecidos, pão, manteiga, doces, vela, fósforo – desvalorizou os serviços relacionados ao lar. Ao mesmo tempo, a ideologia da maternidade foi revigorada pelo discurso masculino: ser mãe, mais do que nunca, tornou-se a principal missão da mulher num mundo em que se procurava estabelecer rígidas fronteiras entre a esfera pública, definida como essencialmente masculina, e a privada, vista como lugar natural da esposa-mãe-dona de casa e de seus filhos. Os positivistas, os liberais, os médicos, a Igreja, os industriais e mesmo muitos operários anarquistas, socialistas e, posteriormente, os comunistas incorporaram o discurso de valorização da maternidade, progressivamente associado ao ideal de formação da identidade nacional. Nos anos 20 e 30, a figura da “mãe cívica” passa a ser exaltada como exemplo daquela que preparava física, intelectual e moralmente o futuro cidadão da pátria, contribuindo de forma decisiva para o engrandecimento da nação. A imagem de Santa Maria foi fortemente valorizada, enquanto nas artes a figura da “mulher fatal”, poderosa, ameaçadora e demoníaca, como Salomé, invadia o palco e fazia grande sucesso.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 591-592.

TEXTO 02

Se o trabalho doméstico nunca é fácil, na virada do século XIX para o XX, era ainda mais pesado. Todas as tarefas cotidianas, mesmo as mais banais, tomavam muito tempo e energia: carregar lenha, acender o fogo, transportar água, processar alimentos, cozinhar, ajoelhar-se para esfregar o chão, esvaziar penicos, lavar toda a roupa (de lençóis a paninhos higiênicos) à mão, ferver, esfregar, bater, quarar, estender, passar a ferro quente com brasas, engomar... Também era preciso fazer sabão e confeccionar as vestimentas mais comuns. O pão, a manteiga, as geleias, as compotas e, frequentemente, os embutidos e os defumados eram produzidos em casa. Mesmo nas cidades, quando havia quintais, as famílias tinham galinhas, porcos e uma horta caseira – fontes importantes de alimento – sob os cuidados femininos. A “boa dona de casa” não tem preguiça, é trabalhadeira e dá conta de fazer (ou administrar) tudo isso com um sorriso nos lábios. À medida que as casas passavam a contar com eletricidade, gás e água encanada, a vida das donas de casa objetivamente melhorava. Os ambientes ficaram mais limpos, os alimentos e a água livres de contaminação por dejetos, os móveis menos empoeirados, as roupas menos encardidas. Os lares ganharam chuveiros, privadas, descargas, lâmpadas. A pasteurização aumentou a segurança alimentar. Aos poucos, o crescimento da indústria do vestuário e o consequente branqueamento da confecção de roupas livraram as donas de casa de terem que produzi-las. Contudo, elas continuavam encarregadas dos remendos, bordados e enfeites que não só diferenciavam as roupas como exibiam, aos olhos de todos, a ventura de se ter em casa uma “mulher prendada”. Com as novidades, a figura da “dona de casa perfeita” adquiriu sutilezas. Não bastava mais ter a casa limpa, era preciso também enfeitá-la com cortinas e almofadas. Já era pouco simplesmente matar a fome dos familiares, era necessário confeccionar pratos variados e mais elaborados. Não era suficiente limpar as panelas, agora elas tinham que brilhar. Louças, tapetes, vasos e bibelôs tomaram o tempo poupado de antigas tarefas domésticas que não precisavam mais ser feitas. O desempenho da dona de casa passou a ser julgado por novos critérios no momento em que a aparência do interior doméstico ganhou relevância ao se tornar uma vitrine do status da família para as visitas, os hóspedes, os colegas ou sócios do chefe da casa.

PINSKY, C. B. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (orgs.). Nova história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2012, p. 496.



Propaganda e sensualidade da mulher

O apelo à sensualidade presente nas representações da mulher que emergem de determinadas propagandas parece ser utilizado como forma de chamar a atenção do homem para o produto anunciado. Segundo Beleli (2007, p. 198), “alusões à sexualidade são estímulos que prendem a atenção do consumidor.” Para Vestergaard e Schrøder (2004), a utilização da imagem feminina nas propagandas:

comprova que as características femininas mais apreciadas pelos homens são o reconhecimento da inferioridade e da dependência, assim como a pronta disposição em servi-los. [...] Os anúncios de “produtos” mais comuns também atendem à predileção masculina por moças sexualmente submissas, muito embora a associação entre o produto e mulheres sensuais tenha de ser inferida pelo leitor a partir de alusões visuais ou verbais. (VESTERGAARD; SCHRØDER, 2004, p. 157).



09 out. 1970

- A partir das considerações acima, analisar a propaganda da “Cerveja Polka” publicada no Jornal Folha do Norte do Paraná em 1970. Procurar observar: quais as características que podemos identificar na mulher representada? Quais as relações que são construídas entre ela e a cerveja anunciada?
- A partir do comercial de cerveja publicado recentemente, analisar quais são as semelhanças e as diferenças na representação da mulher da década de 1970 e dos anos 2000.



Disponível em: <http://apublica.org/2015/03/machismo-e-a-regra-da-casa/>

- Para debater em sala de aula: assistir ao Documentário “Loura Gelada – A mulher na propaganda de cerveja no Brasil”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FrNkOYe_mHM



Agindo “como uma garota”

A propaganda a seguir foi veiculada em 2015, na ocasião da comemoração do Dia Internacional das Mulheres (8 de março):

Always – “Like a girl”

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XjQBJWYDTs>

Assistir ao vídeo e discutir as seguintes questões:

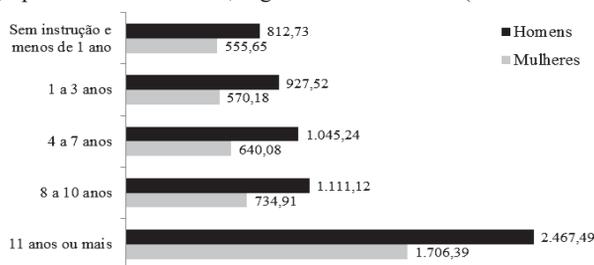
- A propaganda tem como tema central a expressão “like a girl” (como uma garota), que socialmente tem uma conotação diferente da aplicada nas cenas do comercial. Quais são os dois significados possíveis que essa expressão pode receber? Qual a diferença entre eles? Por que a mudança na significação comum do termo representou um posicionamento de valorização da mulher?

Mulher e trabalho

No Brasil, segundo dados do IBGE (2012), as mulheres recebem salários cerca de 70% menor do que o dos homens, mesmo tendo o mesmo nível – ou até superior– de escolarização. Essa constatação se faz presente na atualidade, ainda que, nas últimas décadas, tenha ocorrido um importante acréscimo na quantidade de mulheres que desempenham um trabalho remunerado – as mulheres constituem 46,1% da população economicamente ativa no Brasil (IBGE, 2012). O Gráfico 1 traz os dados referentes ao ano de 2011 que comprovam esta afirmação. Assim, ainda que ingressem no mercado de trabalho, as mulheres encontram maiores dificuldades do que os homens. Além de salários inferiores, enfrentam preconceitos para ocupar cargos de chefia e decisórios, atuar em carreiras

convencionadas como masculinas e são em geral associadas a atividades que seriam associadas a seus “dons naturais” – de afeto, cuidado, asseio – e, portanto, de menor prestígio e valorização econômica.

Gráfico 1: Rendimento médio real habitual da população ocupada, por grupos de anos de estudo, segundo o sexo – 2011 (média mensal)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego 2003-2011. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf

No cenário do desenvolvimento socioeconômico ocorrido no Brasil após a II Guerra Mundial (1939-1945), a inserção da mulher no mercado de trabalho foi se dando paulatinamente, conforme apontam Mello e Novais:

A mulher de classe média vai chegando com muito esforço à universidade, vencendo a oposição dos pais, às vezes até do noivo ou do “namorado firme”. O preconceito contra sua presença nas escolas mais importantes, de direito, medicina ou engenharia, ainda era muito grande. Natural, portanto, que se dirigisse predominante às faculdades de filosofia, com o objetivo de ingressar no professorado de ginásio, do curso clássico ou científico, uma ocupação, aliás, já transformada em feminina. Mas a maioria das moças de classe média continuava professora primária, uma “segunda mãe” do “segundo lar”, a escola. (MELLO; NOVAIS, 2006, p. 596).

No trecho acima, fica evidente que as relações entre a mulher e o espaço do trabalho formal não se dão sem conflitos e preconceitos a serem superados.

Materiais e Atividades



Trabalho feminino e conquista do espaço público no Brasil

O texto a seguir trata do trabalho feminino no Brasil durante o processo de industrialização do país, em especial na primeira metade do século XX. Já o Texto 02 apresenta reflexões sobre a inserção da mulher no espaço público diante de uma sociedade andrógena. Os dois materiais possibilitam algumas reflexões acerca dos desafios enfrentados por mulheres no Brasil.

TEXTO 01

O que mais chama a atenção quando tentamos visualizar o passado da mulher trabalhadora não é o discurso de vitimização, tão enfático e recorrente na imprensa operária – que procurava, em geral, “formar” o trabalhador, conscientizando-o e chamando-o para a luta revolucionária. O que salta aos olhos é a associação frequente entre a mulher no trabalho e a questão da moralidade social. No discurso de diversos setores sociais, destaca-se a ameaça à honra feminina representada pelo mundo do trabalho. Nas denúncias dos operários militantes, dos médicos higienistas, dos juristas, dos jornalistas, das feministas, a fábrica é descrita como “antro da perdição”, “bordel” ou “lupanar”, enquanto a trabalhadora é vista como uma figura totalmente passiva e indefesa. Essa visão está associada, direta ou indiretamente, à vontade de direcionar a mulher à esfera da vida privada.

Fonte: RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 585.

TEXTO 02

Vimos aqui uma parcela das trabalhadoras que ajudaram a construir o país nas primeiras décadas do século XX. Evidentemente, as mulheres pobres não estavam apenas nas indústrias do Sudeste. Muitas estavam no

campo, trabalhando nas plantações e colheitas, em fazendas e em outros tipos de propriedade rural. Nas cidades, elas trabalhavam também no interior das casas – como empregadas domésticas, lavadeiras, cozinheiras, governantas –, em escolas, escritórios, lojas, hospitais, asilos ou, ainda, circulavam pelas ruas como doceiras, vendedoras de cigarros e charutos, floristas e prostitutas. Entre as jovens que provinham das camadas médias e altas, muitas se tornavam professoras, engenheiras, médicas, advogadas, pianistas, jornalistas, escritoras e diretoras de instituições culturais, como a famosa feminista Bertha Lutz. Aos poucos, as mulheres iam ocupando todos os espaços de trabalho possíveis.

Falamos sobre a vida das operárias nas fábricas criadas no começo de nossa industrialização, momento particularmente importante para o futuro das mulheres no mundo do trabalho, no Brasil. Nesse contexto, foram definidos códigos sociais e morais, noções de certo e de errado, assim como a legislação trabalhista que deveria reger por muitas décadas as relações de trabalho com consequências nos lares e na vida social. O espaço público moderno foi definido como esfera essencialmente masculina, do qual as mulheres participavam apenas como coadjuvantes, na condição de auxiliares, assistentes, enfermeiras, secretárias, ou seja, desempenhando as funções consideradas menos importantes nos campos produtivos que lhes eram abertos.

As autoridades e os homens de ciência do período consideravam a participação das mulheres na vida pública incompatível com a sua constituição biológica. Os argumentos criados ou reproduzidos e até as classificações preconceituosas que pregaram converteram-se em códigos que aos poucos passaram a reger as relações entre os sexos, bem como entre as diferentes classes sociais e grupos étnicos. Só muito recentemente a figura da “mulher pública” foi dissociada da imagem da prostituta e pensada sob os mesmos parâmetros pelos quais se pensa o “homem público”, isto é, enquanto ser racional dotado de capacidade intelectual e moral para a direção dos negócios da cidade. Pelo menos até a década de sessenta, acreditava-se que a mulher, sendo feita para o casamento e para a maternidade, não deveria fumar em público ou comparecer a bares e boates desacompanhada, e a política ainda era considerada assunto preferencialmente masculino.

Muitas mulheres trabalhadoras e, especialmente, as feministas, têm lutado nas últimas três décadas pela construção de uma esfera pública democrática. Elas querem afirmar a questão feminina e assegurar a conquista dos direitos que se referem à condição de mulher. Por isso mesmo, é importante que possamos estabelecer as pontes que ligam as experiências da história recente com as do passado, acreditando que nos acercamos de um porto seguro e nos fortalecemos para enfrentar os inúmeros problemas do presente.

Fonte: RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 603-604.



Mulher e trabalho

- Observe a nota a seguir:



Izaura da Silva, mulher sem preconceitos, é a primeira representante do sexo frágil a dirigir ônibus circular dentro de Maringá.

03 dez. 1974

Com base no contexto da década de 1970, faça uma descrição e análise da imagem acima, interpretando seus possíveis significados, bem como relacionando-a com a legenda apresentada pelo jornal. Para auxiliar na análise, utilize o Quadro abaixo:

Item de análise	Detalhamento
Ano	
Local retratado	
Tema retratado	
Pessoas retratadas	
Objetos retratados	
Atributo das pessoas	
Atributo da paisagem	
Tempo retratado (dia/noite)	
Observações e reflexões	

Fonte: MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: fotografias e história - interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996 (adaptado).



Direitos trabalhistas das mulheres

Vai Vigorar o Salário-Maternidade

BRASILIA — Salário-maternidade entrará em vigor no dia 7 de janeiro próximo, segundo anunciou ontem nesta capital, o ministro Nascimento Silva.

O titular da pasta da Previdência e Assistência Social já está de posse dos estudos que compõem o ante-projecto do decreto da República para regulamentá-lo, visando com isso, eliminar as restrições ao ingresso da mulher no mercado de trabalho.

Essas restrições, de acordo com Nascimento Silva, decorrem do procedimento anti-social que consiste em negar à mulher acesso às atividades mais condizentes com suas qualificações e que serão extintas com a transferência, para aquele setor, da obrigação atribuída às empresas pelo artigo 393 da Consolidação das Leis do Trabalho. Essa atribuição é a de pagarem o salário da empregada gestante durante as quatro semanas anteriores e as oito semanas posteriores ao parto. Abre também novas perspectivas ao trabalho feminino que não mais sofrerá a discriminação imposta pelos ônus em questão.

Ainda segundo o ministro da Previdência e Assistência Social, a modalidade de custeio do novo benefício foi adotada após os competentes estudos técnicos, tendo-se afigurado a mais conveniente entre várias alternativas, como por exemplo o aumento da taxa de 8 por cento correspondente à contribuição das empresas e o desvio das empresas e o desvio para a cobertura do salário-maternidade, de uma parte da contribuição patronal devida ao SESI e ao SESC.

03 dez. 1974

A matéria apresenta a criação da Lei do Trabalho que garante à mulher o salário-maternidade. Ao ler o texto da década de 1970 e olhar para a atualidade, podemos observar que as determinações de tal lei sofreram algumas alterações. Faça um pesquisa e organize uma linha do tempo com algumas das mudanças ocorridas nos direitos trabalhistas das mulheres no Brasil.

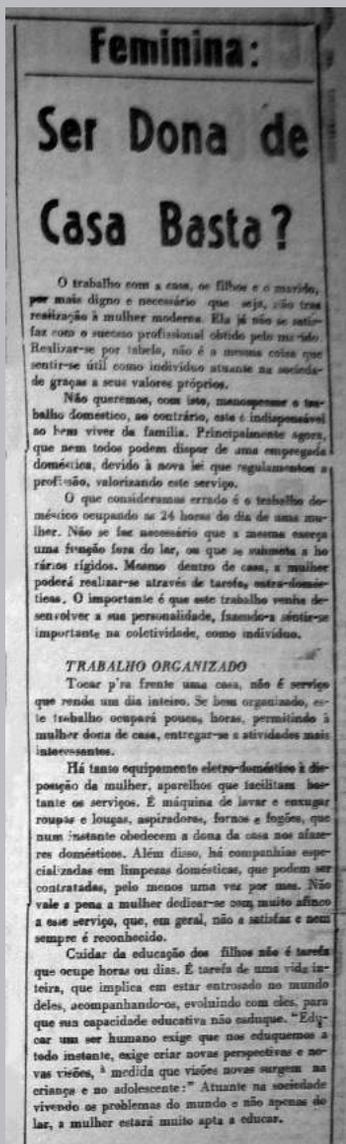


Ser dona de casa basta?

Com base na discussão da matéria ao lado, faça uma entrevista com uma mulher que você conhece, a partir das seguintes questões:

- 1) O trabalho de dona de casa é gratificante? Fale sobre os motivos de sua resposta.
- 2) Ser dona de casa basta? Explique o porquê.
- 3) Você se sente valorizada? Conte sobre sua experiência e sentimentos quanto ao trabalho do lar.

Em classe, compartilhe com os colegas os resultados de seu trabalho.



01 jun. 1973



Precisa-se

Os anúncios a seguir trazer ofertas de emprego destinadas a mulheres no ano de 1968, publicados no Jornal Folha do Norte do Paraná. O material permite observar as ocupações que eram direcionadas explicitamente às mulheres:

PRECISA-SE:
Datilógrafa
Competente
Exige-se boa apresentação e referências. Tratar na Av. Duque de Caxias - 370 2.º Andar sala 7 das 13 às 17 horas.
12-5

12 maio 1968

PRECISA-SE DE
SECRETÁRIA
COM CONHECIMENTOS GERAIS DE ESCRITÓRIO e que seja datilógrafa.
Tratar no conjunto 709 - 7.º andar do Edifício 3 Sefarias, com o Sr. PAULO Marphi Publicidades Prom. Fone 1629.

12 maio 1968

MOÇAS P/ Escritório
Precisa-se de moças p/ escritório, c/ boa caligrafia, dactilógrafa de preferência c/ curso ginasial. Exige-se referências.
As candidatas deverão apresentar munidos de documentos na Avenida Brasil, no 3594.
É inútil apresentar-se sem os requisitos acima.
8 e 19-09-68

19 set. 1968

MOÇA
Precisa-se de uma, que seja datilógrafa, que tenha redação própria e conhecimentos gerais, para expediente das 8 às 18 horas. Apresentar-se na "Folha do Norte" para testes, das 14 às 17 horas.

01 out. 1968

PRECISA -SE
De empregada doméstica. Tratar na Av. Brasil, 2945 - Fone 1735. Cemocal.
19-20 e 21-9-68

19 set. 1968

PRECISA-SE:
De uma empregada doméstica. Tratar na Rua Néo Martins 2421, fundos.
17-18/5

18 maio 1968

Após analisar os anúncios indicados, assista ao documentário *Mulheres e o Mundo do Trabalho*:

Documentário: *Mulheres e o Mundo do Trabalho*. Realização: Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul – PACS; Direção e Roteiro: Márcia Shoo; Ano de lançamento: 2008. Disponível em: <https://youtu.be/5kNmdljGs_c>. Acesso em: 17 maio 2016.

- Procure tecer considerações sobre o tema relacionando o anúncio e o documentário ao mercado de trabalho de acordo com sua vivência e observação do cotidiano das mulheres que você conhece.
- Quais os fatores fortalecem as associações entre a mulher e os espaços de trabalho indicados?
- Há outros espaços no mercado de trabalho para as mulheres?

Mulher e beleza

Ao longo de todo o período de publicação do Jornal Folha do Norte do Paraná, foram publicadas colunas femininas trazendo textos e imagens cujo conteúdo era direcionado especialmente às mulheres. Embora tais colunas não estejam presentes em todos os anos, foram publicadas com frequência nos períodos de 1962 a 1964; 1966 a 1969; 1972 a 1974 e 1977 a 1979, sob diversas denominações: “Folha Feminina”, “Folha da Mulher”, “Sua Excelência A Mulher”, “Assunto de Mulher”, além de um caderno especial intitulado “Personalidades Femininas”, publicado no ano de 1978.

Embora com estruturas e diagramação que variou ao longo dos anos, a coluna feminina trazia conteúdos que versavam sobre os cuidados com o corpo – dicas de moda e beleza, higiene pessoal, etiqueta –, os cuidados com o espaço doméstico – receitas culinárias, dicas de limpeza e decoração – e os cuidados com a família, como a educação dos filhos e a dedicação ao marido.

Assim, eram frequentes as matérias sobre moda, exercícios físicos, boa forma, dicas de beleza, cuidados com o cabelo e pele, sugestões sobre maquiagem. Esses conteúdos indicam a valorização e cuidado que a mulher deveria ter principalmente para com seu corpo, em vista da beleza física e boa apresentação.

Ao analisar anúncios publicitários da Revista Capricho, veiculados nas décadas de 1950 e 1960, Miguel (2012, p. 224) afirma que a mulher deveria “cuidar de si, mas não unicamente para sentir-se bem,

mas, principalmente, para agradar o outro, leia-se, aí, o marido, noivo ou namorado”. As matérias apresentadas a seguir trazem também exemplos que indicam que a beleza da mulher e os cuidados com o corpo eram temáticas frequentemente abordadas no espaço feminino do Jornal Folha do Norte do Paraná. De certa forma, pode-se dizer que a manutenção da beleza, entre outros atributos, era tida como uma condição para o sucesso do casamento, responsabilidade delegada à mulher (CUNHA, 2001).



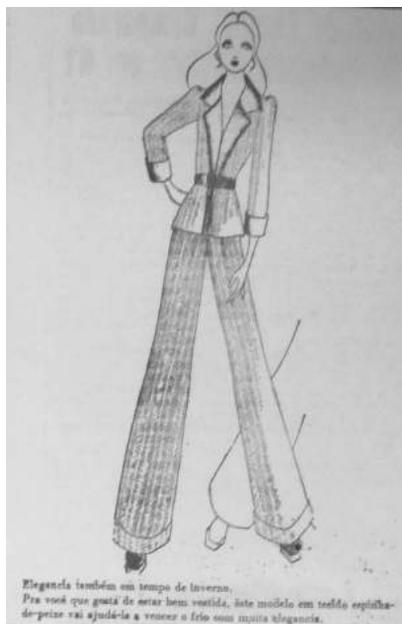
13 abr. 1973



14 jul. 1974



16 jun. 1974



16 jun. 1974



21 nov. 1972



09 nov. 1967

MANIAS QUE ENFEIAM

Existem muitas, e muitas são as mulheres que se cultivam sem pensar que com isso estão se prejudicando. Por exemplo, a mania de estar sempre comendo alguma coisa, como chocolate, um caramelo, um sorvete como se vivesse eternamente com fome. Além de extremamente desleigante, dá a impressão de que não o me o bastante em casa. Os homens detestam isso. Sem falar nas gordurinhas superfluas que essa gula diz constante far aparecer.

Outra mania prejudicial é aquela de falar alto, esquecer quem está ao seu lado para dirigir-se ao público. Esse público, geralmente presta atenção, espantado e curioso pensando intimamente nas muitas coisas abonadas

ras sobre a lagarela. Sem consciência, ela continua o seu "show" alheia ao constrangimento do companheiro e risinho maldoso dos estranhos. Os homens costumam fugir apavorados desse sentido de mulher. Os homens são nus se sempre, mais discretos e tem horror ao espalhafato.

Ainda um defeito muito desagradável é a maneira de ser vítima que tem algumas mulheres. Guizam-se dos filhos do marido, dos parentes, do ar que respiram, do asfalto que pisam, do calor, do frio, de tudo. Só sabem queixar-se. Quando lhes acontece acontecer uma doença, entregam-se de corpo e alma. A doença, séria ou não, passa a ser a razão de sua vida, assunto de todas as horas.

Como centro de universo ela, a vítima profissional, explora ao máximo qualquer dorzinha, qualquer mudança de temperatura, qualquer tonteira sem gravidade. Em pouco tempo, todo mundo detesta a sua companhia, não suporta mais as suas lágrimas. E entre esse todo mundo estão naturalmente os homens novos, marido ou simples conhecidos. Dos três tipos de manias que apontei, esta é a pior. O ar eternamente chorooso torna feia a mulher, envelhece, cava sulcos na face, rouba o brilho dos olhos. Beleza é quase sinônimo de alegria e saúde. A mulher inteligente procura sempre aparentar uma e outra — pelo menos aparentar — para manter o centro de mulher alheia.

02 mar. 1963

De acordo com Vilhena, Medeiros e Novaes (2005, p. 113), “A imagem da mulher na cultura confunde-se com a da beleza. Este é um dos pontos mais enfatizados no discurso sobre a mulher – a mulher pode ser bonita, deve ser bonita – do contrário não será totalmente mulher”. Neste sentido, o discurso vigente indica a *coquetteire* (valorizar-se para agradar, cuidar da maquiagem, pele e cabelo, andar e gesticular graciosamente) como a mais admirável qualidade da mulher, fazendo as feias parecerem bonitas e as bonitas encantadoras (PRIORE, 2009).

Assim, pode-se observar a existência de representações da mulher que estabelecem modelos limitados, apresentados de maneira hegemônica e vigilante. Nesses modelos, “a feiúra é uma forma de exclusão social feminina” (NOVAES; VILHENA, 2003 apud GOETZ et al., 2008, p. 228), sendo que as mulheres “além de meigas, suaves e lindas, devem ter muito amor para dar” (FARIA et al., 2012, p. 11). A este respeito, inclusive, já no início do século XX a ideia de feminilidade aparecia associada a características como recato, docilidade e receptividade passiva diante dos homens e também dos filhos (ALMEIDA, 2012). Desse modo, a beleza imposta à mulher deve incluir não apenas a boa aparência física, mas também o bom comportamento, a doação ao outro – e, em alguns casos, o silenciamento da própria subjetividade.

Materiais e Atividades



Infância, moda e beleza

A matéria a seguir foi publicada no Jornal Folha do Norte do Paraná, na seção Folha Feminina do dia 20 de junho de 1966:

A ELEGANCIA COMEÇA AGS SEIS ANOS



Também as meninas (que são as mulheres de amanhã) desejam ser elegantes, especialmente quando devem sair a passeio e ainda mais quando devem ir visitar as amiguinhas ou ir a uma festinha, onde esperam... sobrepujar as outras com sua graça e elegância.

O vestidinho elegante para uma menina deve ter gola e punhos de renda, elementos que realçam a fragilidade e a graciosidade das amáveis criaturas de dose anos para baixo.

O vestido elegante é a primeira grande conquista das pequenas clientes da casa de costura para a infância. As meninas, de forma geral, começam cedo a interessar-se em questões de moda, embora, naturalmente, sem as implicações da gente adulta. Mas o fato é que, depois dos seis anos de idade, também a criança começa a ter "compromissos" (a escola, as visitas, os passeios etc.), para as quais surge o problema dos trajes idôneos.

A jovem mãe deverá cuidar de proporcionar à sua filhinha um tom de elegância fácil e prático, com possibilidade de transformar os vestidos sem gastar demais. Um vestido elegante para menina é mais bonito quando tem um ar ligeiramente antiquado. Os mais graciosos são mesmos os de estilo século dezanove, com saia um pouco ampla, cintura fina e renda na gola e nos punhos.

A menina deverá, além disso, levar meias brancas e sapatinhos de verniz preto, com uma borlinda de rosa ou com fiavel brilhante, o penteado deverá ser macio, com os cabelos soltos nos ombros e segurados com uma bela fita de veludo, de cor contrastante com a do vestido.

Para as mais pequeninas, o vestidinho das festas poderá ser de veludo branco, com aplicações de rosinhas e fitas de veludo azul escuro. Para os meninos, conjunto de veludo avermelhado, com calças justas até o joelho, e uma faixa larga de raso como cinto.

20 jun. 1966

Após a leitura da matéria, assista ao Documentário “Criança, a alma do negócio”. No documentário, nota-se que a mídia incide sobre a educação de meninas ainda muito jovens no intuito de que seja incorporado um imperativo social no qual o valor da mulher reside em sua juventude, beleza e sexualidade, em detrimento da difusão do incentivo de capacidades como liderança e atuação política.

Documentário: “Criança, a alma do negócio”

Maria Farina Filmes

Diretora: Estela Renner.

Produção: Marcos Nisti, 49’14”, Brasil, 2008.

Disponível em: <<http://biblioteca.alana.org.br/doc.mp4>>

Com base nos materiais apresentados:

- Fazer uma pesquisa sobre o crescimento, nos últimos anos, da divulgação e comercialização de produtos – em especial de roupas e acessórios – voltados para o público infantil.
- A partir da pesquisa realizada, analisar:
 - Como e em quais circunstâncias as crianças surgem nas propagandas (ou nos produtos comercializados)?
 - Quais as influências da moda na forma de ser e agir de mulheres e homens?
 - Quais os aspectos positivos e negativos da indústria da moda na sociedade contemporânea?



A imprensa feminina

- Selecionar dois periódicos impressos em circulação – revistas, jornais, folhetins ou encartes – voltados ao público feminino que tenham, preferencialmente, circulação regional e nacional. Com base nos periódicos da atualidade e no Jornal Folha do Norte do Paraná, analisar:
- Apontar as continuidades e inovações apresentadas na construção dos periódicos atuais em relação ao Jornal Folha do Norte do Paraná.
- Destacar permanências e mudanças nas representações construídas sobre a mulher no jornal e nos periódicos contemporâneos.

Sugestões de Materiais

O documentário “Miss representation”, escrito e dirigido por Jennifer Siebel Newsom (2011), retrata as representações femininas na mídia e conclui que beleza ainda define a mulher e, mesmo quando se encontra inserida no meio político, ela é julgada por critérios de aparência.

Documentário: *Miss representation*

Diretor: Jennifer Siebel. 86'05”

Produção: Estados Unidos da América, 2011.

Disponível em: <<http://vimeo.com/72015293>>

Leitura complementar

SKURA, Ivania. **Sociedade e imprensa: representações de beleza de mulher no jornal Folha do Norte do Paraná**. 118f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2015. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/ppgsed/wp-content/uploads/2016/05/PPGSeD-Ivania-Skura-vers%C3%A3o-final.pdf>. Acesso em: 18 maio 2016.

Mulher e família

No Jornal Folha do Norte do Paraná, nas décadas de 1960 e 1970, a mulher era representada como a responsável pelos cuidados com o seu lar, marido e filhos. Ela deveria manter o lar organizado, desempenhar a função de mãe, tendo ainda o dever de zelar pela educação de seus filhos.

A respeito da representação da mulher nesse período, Farias e Tedeschi (2010, p. 148) afirmam que “as características construídas

e atribuídas ao feminino são aquelas necessárias ao cuidado do lar, da família e do bom desempenho da maternidade, negando à mulher outras possibilidades e reforçando seu enclausuramento no espaço doméstico”.

Possivelmente em função da vinculação do Jornal Folha do Norte do Paraná à Igreja Católica, pode-se identificar a presença de diversos conteúdos escritos por membros ligados à Igreja, como no exemplo a seguir: em matéria de capa intitulada “Mãe” (12/05/1968), Dom Jaime Luiz Coelho, arcebispo de Maringá, recorre à literatura clássica e contemporânea, além de obras produzidas por membros ligados à Igreja, para escrever sobre o dia das mães. Pode-se afirmar que o recurso utilizado pelo Bispo ratifica uma posição de que a instituição eclesiástica, não obstante dizer-se portadora de uma mensagem universal e atemporal, deveria dialogar com a sociedade e a cultura do seu tempo, talvez impulsionado pelas implicações decorrentes das Constituições *Gaudium et Spes* e *Lumen Gentium*, produzidas durante o Concílio Vaticano II (1962-1965). Na matéria, um dos textos utilizados é o da romancista Gertrud von Le Fort, intitulado “A Mulher Eterna”, no qual se afirma que:

A mãe não é uma figura excepcional, não tem lei própria. Sua lei é o seu filho – tudo quanto tem fora de seu centro de gravidade é sempre mais ou menos impessoal [...]. Na hora do nascimento, a mãe entrega sua vida incondicionalmente em prol do filho. Depois do nascimento ela perde a disposição de sua vida para entregá-la ao filho [...] a mulher maternal é a mulher que desapareceu em seu filho. (Jornal Folha do Norte do Paraná, 12 maio 1968).

É possível verificar que a posição defendida pela Igreja Católica, ao valorizar a maternidade, traz um modelo que sinaliza a diluição da identidade da mulher e sua doação a seu filho, dedicando-se exclu-

sivamente aos cuidados para com ele, deixando de lado seus próprios anseios e expectativas pessoais.

Nesse sentido, “As características construídas pela moral cristã, em torno do feminino, como o cuidado do lar, da família e do bom desempenho da maternidade, além de negar à mulher outras possibilidades, servem para enclausurá-la no espaço doméstico” (FARIAS; TEDESCHI, 2010, p. 158). Parece que é impossível dissociar a mulher de sua função de mãe, tendo em vista que a maternidade requer que ela se dedique exclusivamente à educação e criação de sua prole.

As representações da mulher presentes no Jornal Folha do Norte do Paraná fazem ainda alusão à mulher – esposa e mãe – que, segundo Sasaki (2011, p. 2) “oferecia conforto ao marido e supria todos os amores e necessidades de um ou mais filhos, sempre disposta ao perdão e sem cobrança ou reconhecimento”.

A este respeito, cabe destaque às colocações do Padre Novaes, colunista do Jornal, que afirma que, diante do arrependimento do marido infiel, cabe à mulher perdoá-lo, afinal é também uma pecadora. Em suas palavras, “É difícil para a mulher traída perdoar. Não negamos a dificuldade. E convidâmo-la a contornar e vencer a dificuldade. A oração dominical é a súplica do Perdão ao próximo, como condição para o nosso próprio perdão conquistado diante de Deus” (Pe. Novaes, 12 mar. 1963).

Desse modo, diferentes matérias do Jornal Folha do Norte do Paraná sugerem uma representação da mulher devotada ao lar, aos filhos e ao marido, cuja conduta deve estar inspirada na figura de Maria Santíssima, modelo cristão de virtude e doação. Dessa compreensão emergem prescrições direcionadas à mulher, que incidem sobre sua dedicação e doação aos afazeres domésticos, seu sacrifício e renúncia no cuidado com os filhos, e a submissão e tolerância na vida matrimonial.

Nesse sentido, é também possível notar, no Jornal, conteúdos que faziam alusão ao posicionamento contrário que parte da socieda-

de da época – e em especial a Igreja Católica – adotavam com relação ao divórcio. Como exemplo, temos a matéria publicada em maio de 1964, a seguir.



13 maio 1964

A coluna “Reconstruir o mundo” era publicada frequentemente no Jornal desde sua criação, em 1962, trazendo matérias escritas em geral por membros da Igreja Católica com assuntos ligados sobretudo à moralidade e à doutrina social da Igreja. Na matéria apresentada, o colunista traz reflexões fundamentadas na Bíblia Sagrada, para justificar o posicionamento contrário que a instituição religiosa assumia frente ao divórcio.

Por fim, o que fica evidente, a partir das representações da mulher presentes no Jornal, é que casar-se – e permanecer casada – e ser mãe eram elementos fundamentais para que a mulher fosse bem vista pela sociedade. Afinal, como afirma Sant’Ana,

apesar da ampliação de visões alternativas, ainda era tido como altamente desejável que a mulher se casasse, tivesse filhos e pudesse se dedicar integralmente à família depois de casada. E era isso que a maioria das mães ensinava às filhas. Casamento e procriação continuavam a ser o destino da mulher; ser mãe (depois de tornar-se esposa, é claro) conferia-lhe uma posição de prestígio na sociedade, maior que qualquer outra “carreira”. Não desempenhar o papel materno seria algo como “trair a essência feminina”. (SANT’ANA, 2012, p. 24).

Materiais e Atividades



As famílias brasileiras

TEXTO 01

A década de 50 e o início da década de 60 foram marcados pela continuidade do movimento de nuclearização da família que caracterizou as duas décadas precedentes. [...] Na década de 50, as famílias eram constituídas basicamente por pai, mãe e filhos que obedeciam ao pai, econômica e afetivamente. “Esse novo arranjo familiar consolidava definitivamente o espaço privado e o individualismo” (GALANO, 2006, p. 124). Além disso, devido à nova tendência de diminuição do número de descendentes, a partir dos anos 50 e começo dos anos 60, os casais passaram a ter uma média de três a quatro filhos, diferindo da geração anterior, que tinha muitos filhos (MONTEIRO, 1998). No

âmbito das relações sociais, começava uma nova participação social da mulher, com a ascensão do movimento feminista, a revolução técnico-científica e o desenvolvimento acelerado de novas ciências, especialmente as humanas (TRINDADE, 2001). Esses eventos ganharam espaço e foram aos poucos conquistando o pensamento social nessas décadas, especialmente no que diz respeito às mulheres (VAITSMAN, 1994). Obviamente, as repercussões foram inegáveis para a divisão de papéis sexuais, tanto no espaço público quanto no espaço privado, incluindo o da família (CHAVES, 2006). Neste último, a mulher ainda mantinha seu papel exclusivamente voltado para a maternidade, sendo rigorosa no cuidado da casa e na educação dos filhos, complementando o papel do pai, que era quem exercia a autoridade e se responsabilizava pelo sustento financeiro do lar (SIMIONATO-TOZO & BIASOLI-ALVES, 1998). [...] Com relação ao estado civil dos genitores das famílias das décadas de 50 e 60, a maioria era casada, e, embora as mães continuassem trabalhando em casa e o pai no ambiente profissional, os primeiros indícios de uma nova participação social da mulher começavam a surgir (VAITSMAN, 1994). De acordo com esse autor, as mães que começavam a trabalhar fora do lar exerciam atividades de cuidado e educação de terceiros, condizentes com as profissões femininas que emergiam nessas décadas. Nesse contexto, a religião (católica) tinha um papel importante, sobretudo para a manutenção dos valores vigentes, e o discurso da religião confirmava e enfatizava o discurso da própria família (BIASOLI-ALVES, 2000). Embora tenham ocorrido algumas importantes e decisivas transformações no papel feminino, foi somente no final da década de 60 que o papel da mulher se modificou expressivamente, com mudanças evidentes na família (DESSEN & BRAZ, 2005a).

Fonte: DESSEN, Maria Auxiliadora. Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, número especial, p. 204-206, dez. 2010.

- Após a leitura do texto em destaque, realizar uma entrevista com familiar que tenha vivido na década de 1960, buscando identificar as

características dos arranjos familiares no período em questão e as mudanças que ocorreram na constituição das famílias até a atualidade.



Faça da doméstica sua irmã

FÓLHA DO NORTE DO PARANÁ

Faça da Doméstica Sua Irmã

† Dom Pedro Fedala
Arcebispo de Curitiba

Nestes dias, num diálogo franco entre um sacerdote e um leigo, este se abriu revoltado, porque o Arcebispo de Curitiba está encaminhando os recursos de conscientização da Campanha da Fraternidade para a Casa da Doméstica. Através deste Senhor: As domésticas não merecem este apoio, pois elas não cumprem o dever, são exigentes, trabalham pouco, querem bom ordenado, dão muitas dores de cabeça às patroas, não têm comportamento honesto.

É justamente por isso que a Arquidiocese de Curitiba está empenhada na aquisição da Casa da Doméstica.

Refletamos um pouco e sejamos coerentes.

Sabemos através de pesquisas obtidas de sociólogos, assistentes sociais e de publicações que o homem do campo está em situação de lento progresso de marginalização em seu próprio meio.

Esta marginalização é provocada por falta de recursos financeiros, educacionais, promocionais que possibilitem o desenvolvimento do meio em que vive o homem rural, em contraste cada vez maior com o da cidade. Enquanto o homem da cidade dispõe de Escolas, de cursos de especialização, o homem do interior possui apenas uma escola primária elementar; enquanto o operário conta com seu ordenado certo, o agricultor depende da safra, que, nos anos de grande produção, não consegue um preço compensador no mercado e, nos anos, de seca ou muita chuva, fica prejudicada na colheita.

Diante deste fato desolador, verificamos todos os dias caravanas que partem para os grandes centros, à procura de um emprego digno, honesto, justo.

Nestas migrações, está a jovem. A sua mudança para a Capital traz consequências muito sérias: o rompimento com as atividades primárias exercidas até então, a ruptura com os vínculos familiares, sociais do meio ambiente em que vivia. Entra num mundo desconhecido, no anonimato das grandes cidades. É uma desconhecida. Pode ir ao cinema e não guém a reconhece.

A problemática da jovem doméstica numa metrópole é vasta. Vai desde o trabalho que há de executar até os problemas gravíssimos de ordem moral. Sente-se ela, a mais das vezes, num nível de inferioridade na família onde vai servir. Não sabe falar, falta-lhe as mínimas relações humanas, não tem prática no trabalho.

São jovens que se deixam facilmente seduzir por moços ineducados. Dá os abortos que se praticam estupidamente, todos os dias. Dá, as mães solteiras que perdem o emprego e não conseguem um internamento para os filhos. Para as mães solteiras, deveria haver mais casas que recebessem a mãe e a criança e lhes dessem condições para educação do filho com o próprio trabalho.

Diante desta problemática é que a Arquidiocese de Curitiba sente a necessidade de inaugurar, quando antes, a Casa da Doméstica.

A Casa da Doméstica surge como uma necessidade para se criar na sociedade a conscientização dos problemas existentes e mais do que isto das soluções a estes problemas.

A doméstica, jovem ou mais idosa, solteira ou casada, é uma pessoa humana, e não objeto coisa. Sendo pessoa, tem direito a um treinamento condizente com sua dignidade, a promoção humana e a um salário justo e a um repouso merecido.

A Casa da Doméstica propõe-se a formar as jovens que buscam emprego, dando-lhes orientação espiritual, moral, educacional e profissional e técnica. A Casa da Doméstica esclarecerá a jovem sobre a sua futura vocação: que será o matrimônio ou a vida religiosa consagrada ou a vida de solteira vivida honestamente.

A Casa da Doméstica quer contar sempre com o interesse, apoio e colaboração eficiente das donas de casa afins de que assumam a responsabilidade na condução de suas domésticas. Mais do que patroas, sejam amigas, compreensivas, numa palavra sejam mães.

Para que se possa realizar esta obra, de tanta importância para Curitiba, o Arcebispo agradece a generosidade da Diretoria do Padre Reus, que faz a doação do prédio à Arquidiocese de Curitiba para ali instalar a Casa da Doméstica. Ao mesmo tempo, apela para que todas as paróquias organizem um centro de Coordenação a fim de que, com uma cúpula, constituída pela Associação de Santa Zita, Irmãs Xavierianas, Irmãs de Caridade e outras, se possa dar a devida formação às domésticas.

Refleta um pouco e veja qual é a situação da empregada doméstica. Se fosse sua filha sua irmã ou sua futura esposa, como gostaria que fosse seu procedimento, sua promoção humana, social, moral espiritual?

Depende de você, caro amigo leitor

Descubra a felicidade de servir.

FAÇA DA DOMÉSTICA SUA IRMÃ

24 mar. 1972

Na reportagem do dia 24 de março de 1972, a Arquidiocese de Curitiba defende a criação da casa da doméstica para formar jovens mulheres que chegam do campo e são “presas fáceis” para moços mal-intencionados, “resultando em abortos e mães solteiras”. Essa casa forneceria orientação moral, espiritual e profissional a essas meninas, e também teria a função de esclarecer às moças sobre sua futura vocação: o matrimônio; a vida religiosa ou a vida de solteira vivida honestamente.

Transparece, na matéria, a posição da Igreja em relação à função social feminina: cuidar da casa, dos filhos e do marido, levar uma vida regida pela moral e pelos bons costumes. Na história das mulheres, os espaços vistos como adequados à mulher invariavelmente são relacionados ao ambiente doméstico, considerado de menor valor em relação ao trabalho fora de casa, que gera salário diferentemente das atividades cotidianas relacionadas ao cuidado do lar.

O documentário *Mulheres invisíveis* (2010), produzido pela Sempre-Viva Organização Feminista (SOF), com apoio da Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), aborda esse tema de modo crítico, mostrando nuances dessa relação, para explicar como essa visão é sexista e como a sociedade a absorve sem questionar o porquê.

***Mulheres invisíveis* (2010)**

Disponível em: <<https://youtu.be/VycN-Jsm9Lg>>. Acesso em: 17 maio 2016.

Analisando a publicação “Faça da doméstica sua irmã” e o documentário “Mulheres invisíveis”, responda:

- Como a associação entre mulher e ambiente doméstico está presente em nossa sociedade?
- Quais similaridades e diferenças se apresentam nos cenários da matéria publicada em 1970 e dos dias atuais retratados pelo documentário?
- Quais os caminhos para diminuir desigualdades de gênero na sociedade?



A esposa ideal

A matéria publicada em 02 de agosto de 1970 no Jornal Folha do Norte do Paraná traz as características que deveriam ser observadas pela “esposa ideal”, em atendimento aos anseios e desejos de seu marido.

- Após a leitura do texto, fazer uma reflexão acerca do tipo de relação que deveria se estabelecer entre marido e esposa, justificando a análise com base em trechos do material apresentado.
- Pesquisar materiais da atualidade – filmes, livros, revistas, jornais, sites, anedotas – que:
- Tragam implícita essa mesma relação entre o casal.
- Questionem os valores e ideais subjacentes ao modelo apresentado na matéria.

A Espôsa Ideal

A esposa ideal é feliz o mortal que a encontra, tem capacidade de transformar-se segundo o homem com o qual se casou. Entretanto, há certo número de características a respeito das quais a quase totalidade dos homens está de acordo: há caprichos que eles detestam; qualidades que apreciam quase que unanimemente. Eis aqui alguns traços da esposa modelo:

- 1 — Somente em casos excepcionais ela fica nervosa ou de mau humor.
- 2 — Jamais fica “amuada” e de maneira alguma “aborrece” a paciência do marido.
- 3 — Tem gênio alegre, senso de humor e fantasia.
- 4 — Nunca faz cenas ou censuras em público.
- 5 — Não tem obsessão pela limpeza, pelo objeto deslocado pela poltrona que está um pouco estragada, etc.
- 6 — Quando se aproxima o fim do mês ela “espreme” os seus recursos. Jamais censura o marido pelo fato de ele não ganhar o suficiente.
- 7 — Após uma discussão, ela é capaz de dar o primeiro passo para a reconciliação.
- 8 — Evita falar muito contra si mesma.
- 9 — Ela jamais pergunta, sob qualquer pretexto: “No que está pensando?”
- 10 — Não “examina os bolsos” do marido, nem o atormenta com suspeitas. Em uma palavra, ela não é exageradamente chumenta.
- 11 — Não guarda no armário uma camisa que não esteja com todos os botões sólidamente presos.
- 12 — É capaz de se distrair com o marido.
- 13 — Também consegue que ele se distraia com ela.
- 14 — É capaz de deixá-lo tranqüilo se perceber que ele está nervoso ou muito cansado.
- 15 — Às vezes prepara o prato que ele gosta, mas que ela detesta.
- 16 — Jamais o humilha, mesmo quando “são vizinhos, sem testemunhas.
- 17 — É carinhosa, o suficiente para satisfazê-lo totalmente, porém não para inquietá-lo.
- 18 — Jamais dá ao marido ocasião para envergonhar-se (pelas suas tolices, sua vulgaridade, sua má administração, o aspecto do seu lar, etc.).
- 19 — Não pensa que poderia ter sido mais feliz com outro homem ou seu primeiro amor.

Quantas vezes você se reconheceu neste quadro incompleto, aliás?
 De 17 a 19 pontos — Que homem feliz é o seu marido!
 De 13 a 16 pontos — Ela ainda pode julgá-lo privilegiado.
 De 8 a 12 pontos — Afinal de contas ele é tão perfeito assim?
 De 3 a 7 pontos — Talvez você pudesse tentar fazer um pequeno esforço.
 Menos de 3 pontos — Não nos diga que você NÃO tem um marido!

02 ago. 1970

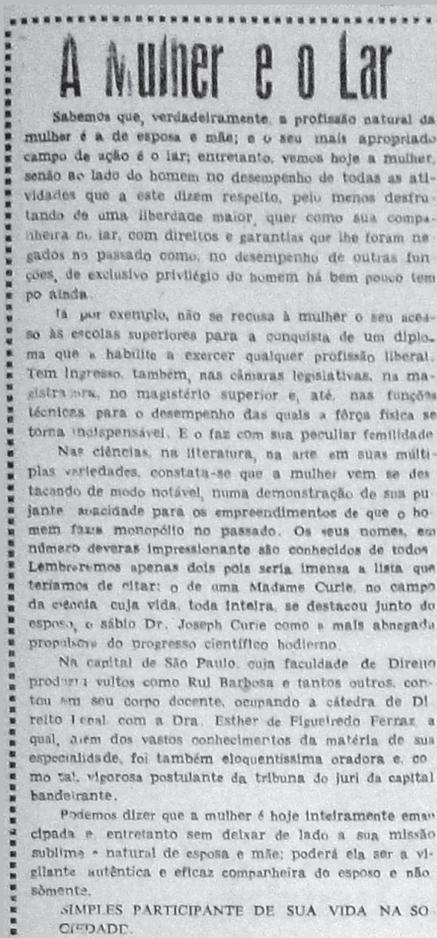


A mulher e o lar

A matéria “A mulher e o lar” aponta que a verdadeira profissão da mulher é a de esposa e mãe e que, no entanto, atualmente a mulher está ganhando novos espaços e emancipando-se. Contudo, a autora defende que isso não deve significar que ela deixe de lado sua missão “sublime e natural” de esposa e mãe. Sobre o conteúdo da reportagem, aponte:

1. Por que o papel de cuidar dos filhos, geralmente, é mais associado à mãe do que ao pai?
2. Por que as atividades do lar também são tidas como tarefas compulsoriamente femininas?
3. Em 5 de maio de 2015, em celebração ao dia das mães, a marca

Arno publicou a imagem de uma mãe com sua filha na cozinha como pano de fundo para o lançamento de um novo eletrodoméstico: “A Planetária Dual, assim como as mães, é multifuncional. 2



em 1, podendo ser liquidificador ou batedeira. Contém 3 tipos de batedores, um para cada tipo de massa. Ela é a porta de entrada para conhecer novas receitas! #MinhaMãeMerece”, é a legenda do anúncio.



Anúncio Arno 2015. Fonte: Facebook Arno Oficial (5 maio 2015). Postagem disponível em: <<https://goo.gl/1V570I>>. Acesso em: 17 maio 2016.

Pensando na reportagem do Jornal Folha do Norte do Paraná e no anúncio da Arno, algumas questões para reflexão:

- Por que eletrodomésticos são considerados presentes ideais para mulheres?
- Por que o anúncio da Arno diz que as mães são multifuncionais (2 em 1)?

Mulher e modelos de conduta

As representações da mulher na década de 1960, de acordo com Pinsky (2012), representa a passagem da “era dos modelos rígidos”, quando se consolidam os modelos de feminilidade, para a “era dos modelos flexíveis”, quando se começa a questionar os valores do pe-

ríodo anterior e novas referências passam a se constituir. A este respeito, Sant’Ana afirma que:

Um conjunto de mudanças ocorridas no Brasil a partir das décadas de 1960 e 1970 permitiu às mulheres colocar em causa estes valores e ideais: o aumento da participação feminina no mercado de trabalho e a luta das mulheres por crescimento e reconhecimento profissional; o maior acesso à educação formal; a conquista feminina do poder de decidir se e quando ser mãe (com a disponibilização de métodos contraceptivos mais eficientes); a instituição do divórcio (por lei, em dezembro de 1977) e a possibilidade de estabelecer outros relacionamentos afetivos socialmente reconhecidos. (SANT’ANA, 2012, p. 24).

Apesar das mudanças que vinham ocorrendo, é possível afirmar que, ainda nesse período, as mulheres que fugiam do padrão de recatada, doce, virginal e pura eram menosprezadas pela sociedade e não podiam conviver com as “moças de família”, pois poderiam exercer má influência sobre elas (PINSKY, 2012). Por esses motivos, essas mulheres deveriam ser escondidas, retiradas de circulação, detidas, pois representavam um atentado à moral e aos bons costumes da sociedade.

Segundo Cunha (2001), as mulheres “são definidas a partir dos papéis femininos tradicionais (principalmente mães, donas de casa e esposas) e das características consideradas ‘próprias das mulheres’ englobadas no termo ‘feminilidades’ (pureza, doçura, resignação, instinto materno etc.).” (CUNHA, 2001, p. 202). Para a autora, as mulheres que não seguiam o modelo ideal eram hostilizadas e segregadas da sociedade, pois poderiam desvirtuar as moças de família com seu comportamento pernicioso. Como afirma Soihet:

Manter-se virgem enquanto solteira e fiel quando casada era sinônimo de honra feminina, que se estendia a toda a família, significando um conceito sexualmente localizado – violência que se tornou fonte de múltiplas outras violências. Enquanto aos homens estimulava-se o livre exercício da sexualidade, símbolo de virilidade, na mulher tal atitude era condenada, cabendo-lhe reprimir todos os desejos e impulsos dessa natureza. (SOIHET, 2007, p. 42).

Nos conteúdos publicados no Jornal Folha do Norte do Paraná, é possível identificar diversas matérias que fazem referência às mulheres que fugiam ao padrão, ao modelo de feminilidade desejado e imposto pela sociedade. A matéria de capa publicada em 05/01/1963, por exemplo, traz a chamada de notícia acerca da prisão de mulheres de “vida fácil”, “visando livrar o centro da cidade de sua presença perniciosa e atentatória à moral”.

Coronel Haroldo Iniciou “Blitz” Contra Mundanas

Diversas mulheres de vida fácil que vinham fazendo acintoso “trottoir” em pleno centro da cidade, foram detidas pela polícia. O cel. Haroldo Cordeiro, Delegado Regional de Polícia, foi quem ordenou a “blitz” contra as mundanas, visando livrar o centro da cidade da sua presença perniciosa e atentatória à moral. Na foto, o bando que pernitou no xadrez, onde lhes foi recomendado não mais perambular pelo centro da cidade. Leia “Plantão Policial” na 1.ª PÁGINA.

05 jan. 1963

Assim, as mulheres que não atendem ao modelo ideal da época aparecem com frequência relacionadas aos temas prostituição, vadiagem, embriaguês e trottoir – termo que designa o caminhar das prostitutas pelas ruas à espera de clientes. As matérias informam sobre a prisão dessas mulheres e as medidas que a prefeitura e a polícia de Maringá tomavam para livrar o centro da cidade da presença indesejável.

Polícia Prende Mulheres

09 fev. 1968

Polícia Ganha terreno na Guerra à Vadiagem de Mulheres

23 jan. 1969

A matéria publicada em 09/02/1968 noticia a prisão de mais de 20 mulheres que foram levadas para a delegacia, advertidas e liberadas, como resultado de uma blitz realizada na madrugada, por determinação do coronel Reinaldo Machado. Já na matéria publicada em janeiro de 1969, consta que “A Polícia Maringaense na sua importante campanha de moralização, vem obtendo excelentes resultados quanto à apreensão de mulheres vadias que quase publicamente, vinham praticando o ‘trottoir’ na cidade” (Jornal Folha do Norte do Paraná, 23 jan. 1969).

Com base no exposto, é possível afirmar que os conteúdos presentes no Jornal denotam uma preocupação com a moralidade e a normatização da sexualidade da mulher no espaço público. De acordo com Soihet (2007), no período do governo militar no Brasil e início do movimento feminista no país:

Mulheres solteiras que se deixassem desvirginar perdiam o direito a qualquer consideração e, no caso de uma relação ilegítima, os homens não se sentiam responsabilizados por sua atuação, devendo àquelas arcar com o peso das consequências do seu “erro”. Afinal, “pureza” era fundamental para a mulher, e o desconhecimento do corpo representava um signo de alto valor, num contexto em que a imagem da Virgem Maria era exemplar. (SOIHET, 2007, p. 43).

Materiais e Atividades



Leila Diniz e a censura prévia

A imagem abaixo retrata nota publicada no Jornal Folha do Norte do Paraná sobre Leila Diniz, na coluna social de Waldir Pinheiro.



Leila Diniz (que segundo dizem está de romance com o goleiro Ado da seleção) está sendo bastante criticada pela quantidade de palavrões que tem a paciência de falar em um minuto. Mas ela não está brava porque os filmes continuam sendo feitos.

08 abr. 1970

TEXTO 01

Embora, com o Golpe Militar de 1964, o Brasil passasse a viver seus Anos de Chumbo, sob um regime ditatorial que restringia liberdades, o movimento feminista paulatinamente ganhava força, assim como produziam eco algumas vozes rebeldes que desafiavam os valores da “tradicional família brasileira”. Em 1969, por exemplo, a atriz Leila Diniz (1945-1972) chegou a declarar-se, em uma entrevista ao jornal Pasquim, a favor do amor livre e do prazer sexual para as mulheres: “Você pode amar uma pessoa e ir para a cama com outra. Isso já aconteceu comigo.” Como era de esperar, essas afirmações provocaram a ira machista e foram usadas como bode expiatório para a instituição por parte do governo da lei de censura prévia à imprensa, apelidada de “Decreto Leila Diniz”.

Fonte: SCOTT, Ana Sílvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (orgs.). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 23-24.

TEXTO 02

O protótipo de mulher liberada no Brasil foi Leila Diniz, estrela de cinema e TV, musa de Ipanema e de uma geração de boêmios cariocas. Ex-professorinha de curso primário, Leila ganhou notoriedade em 1967 com o filme “Todas as mulheres do mundo”, de Domingos de Oliveira, que a mostrou nua e esplendidamente bonita. Mas talvez bem mais do que na arte, foi na vida que a atriz desempenhou seu melhor papel. Com suas atitudes corajosas e liberais, Leila rompeu preconceitos, quebrou tabus, avançando os rígidos limites da moral vigente. Em 1971, grávida de mais de seis meses, ela ia de biquíni à praia de Ipanema, uma prática hoje natural, mas que na época muitos tomaram como uma afronta à tradição, à família e à maternidade.

O maior zebu, entretanto, aconteceu em novembro de 1969, quando chegou às bancas uma edição de O Pasquim trazendo uma reveladora entrevista com Leila Diniz. Foi um estouro. Nunca uma mulher brasileira tinha falado de sexo de forma tão aberta na imprensa. Os vigilantes da moral e dos bons costumes ficaram de cabelo em pé. O curioso é que muito pouco do que Leila efetivamente falou sobre o tema saiu no jornal. O Pasquim, que se notabilizou por publicar suas entrevistas tal e qual o entrevistado falava, sem cortes ou retoques, no caso de Leila

não pode agir assim. O vasto repertório de palavras da atriz – “cu”, “caralho”, “tesão”, “fodida” – foi substituído por asteriscos e frases inteiras foram suprimidas ou maquiadas na redação.

Fonte: ARAÚJO, Paulo César de. **Eu não sou cachorro não**: Música popular cafona e ditadura militar. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 155.

- Com base nos materiais apresentados, fazer uma pesquisa sobre a vida de Leila Diniz e os impactos e significados de seu comportamento para a época.

- Em 26 de janeiro de 1970, o presidente do Brasil publicou o Decreto-Lei n. 1.077, que trata, fundamentalmente, de determinar e monitorar a liberdade da imprensa com o pretexto de proteger a população das “exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes”. A este respeito, pesquisar:

- Por que a publicação e o conteúdo do decreto representam a dinâmica ditatorial do regime político pelo qual passava o Brasil?

- Quais foram as principais críticas apresentadas pela imprensa e pela intelectualidade brasileira ao conteúdo do Decreto-Lei n. 1.077/70?



Mulheres e estereótipos

MARIA Bethânia aproveitando a sua boa fase fora e dentro do País es teve nesse final de semana cantando para o público de Buenos Aires. Bethânia regressou ontem dizendo que além de agradar ainda trouxe um bom saldo financeiro, além de já ter outro contrato para voltar lá no final das férias

11 jul. 1972

Nos anos 1970, a juventude brasileira, a exemplo de um movimento mundial, contava com novos ritmos que embalavam os dias através de canções que contestavam padrões sociais e possuíam caráter de resistência cultural. No cenário nacional, destacaram-se nomes como Maria Bethânia (reportagem acima), além de Caetano Veloso, Chico Buarque de Holanda, Gilberto Gil, Tom Zé, Gal Costa, Elis Regina e Rita Lee.

Até hoje, mulheres do mundo da música utilizam canções para falar dos papéis sociais femininos e nelas expressar críticas às condutas e valores que norteiam exigências que se impõem à mulher. A música “Pagu”, interpretada por Rita Lee, é um exemplo disso:

*Mexo, remexo na inquisição
só quem já morreu na fogueira sabe o que é ser carvão
eu sou pau pra toda obra, Deus dá asas à minha cobra
minha força não é bruta, não sou freira nem sou puta
nem toda feiticeira é corcunda, nem toda brasileira é bunda
meu peito não é de silicone, sou mais macho que muito homem
nem toda feiticeira é corcunda, nem toda brasileira é bunda
meu peito não é de silicone, sou mais macho que muito homem
ratatá ...
sou rainha do meu tanque, sou pagu indignada no palanque

fama de porra-louca, tudo bem, minha mãe é Maria ninguém
não sou atriz, modelo, dançarina
meu buraco é mais em cima
porque nem toda feiticeira é corcunda, nem toda brasileira é bunda
meu peito não é de silicone, sou mais macho que muito homem
nem toda feiticeira é corcunda, nem toda brasileira é bunda
meu peito não é de silicone, sou mais macho que muito homem
ratatá ...*

Link: <<http://www.vagalume.com.br/rita-lee/pagu.html#ixzz3j55z8igV>>

A partir da letra da música, analisar alguns estereótipos que circundam representações femininas e, do mesmo modo, contravenções que alguns trechos apresentam.



Homens e mulheres

Reconstruir o mundo

Entre Mulheres

E AS PERGUNTAS CONTINUAM

... Que pensa da situação da mulher diante do momento de trabalho?

A situação deixa muito a desejar. Tudo deriva de conceitos errados, ou melhor, de preconceitos tão "em voga" que chegam a parecer naturais.

Por exemplo, ainda há gente que pensa que a mulher é menos inteligente e menos capaz do que o homem. Então a inteligência estaria ligada ao sexo? E Deus — criador do homem e da mulher COMO PESSOAS — teria feito discriminações?

Por causa desta idéia errônea (que todas as ciências antropológicas contrariam) dificilmente é dado à mulher ocupar postos-chaves.

O que há, isto sim, são diferenças de temperamento e variedade de dons entre ELES e ELAS: mas não existe inferioridade de aptidões na ala feminina da humanidade.

Se as oportunidades (de estudo, de trabalho, de acesso a escalões superiores) forem iguais para as mulheres e para os homens, que irá acontecer?

Acontecerá que as vocações não serão idênticas, justamente por causa das diferenças de temperamento.

Mas haverá um melhor aproveitamento das capacidades e das qualidades femininas. E tudo revertirá em bom da humanidade inteira.

Para concluir, deixo-lhe aqui uma sugestão: — procure examinar, com o seu grupo de reflexão, a classificação das profissões em "masculinas" e "femininas". Pense, em pelo menos 10 delas, consideradas "para homens" e 10, "para mulheres". A classificação é realmente lógica? Por quê?

M. Chialeri

3 jul. 1973

Podemos considerar que cada época possui ideais, valores e preconceitos diferentes. A partir do texto acima, retirado do jornal Folha do Norte do Paraná, podemos observar alguns pontos sobre as relações entre homens e mulheres. Pensando nisso, e tendo por base o contexto da década de 1960 e 1970 apresentado no Texto 01, a seguir, desenvolva uma dissertação sobre como era a vida de homens e mulheres nesse período, comparando com a atualidade.

TEXTO 01

A mulher de classe média vai chegando com muito esforço a universidade, vencendo a oposição dos pais, às vezes até do noivo ou do “namorado firme”. O preconceito contra sua presença nas escolas mais importantes, de direito, medicina ou engenharia, ainda era muito grande. Natural, portanto, que se dirigisse predominantemente às faculdades de filosofia, com o objetivo de ingressar no professorado de ginásio, do curso clássico ou científico, uma ocupação, aliás, já transformada em feminina. Mas a maioria das moças de classe média continuava professora primária, uma “segunda mãe” do “segundo lar” a escola [...].

O emprego doméstico feminino era, naquela época, muito pior do que se pode imaginar hoje: começava com o amanhecer do dia e só acabava quando a louça do jantar estava lavada; folga, só aos domingos, depois do almoço; o quartinho apertado; o assédio sexual do filho do patrão, às vezes do próprio patrão [...].

A mulher do trabalhador comum moureja geralmente como doméstica, ou na fábrica de tecidos, em confecção, “fazendo serviço para fora”, de hábito como lavadeira ou costureira. “Trabalha por que precisa”, “porque o salário do marido não dá”. Não porque queira, pois “o certo é a mulher ficar em casa”, “tomar conta da casa”, “cuidar do marido e dos filhos”.

Fonte: MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARZ, Lilia Moritz (org.). **História da vida privada no Brasil:** contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia da Letras, p. 559-658, 2006.



Mulher não pode trabalhar à noite

Mulher Não Pode Trabalhar à Noite: Comercio

Segundo comunicação recebida ontem pelo presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio de Maringá e enviada pelo general Adalberto Massa, delegado regional do Trabalho no Estado do Paraná, "está proibida a prorrogação da jornada de trabalho diária das mulheres e menores", isto tendo em vista o funcionamento do comércio no período noturno durante a época natalina.

Como acontece todos os anos, o comércio de Maringá, assim como das outras grandes cidades do Estado, permanecerá aberto na temporada que antecede ao Natal, diariamente até às 22 horas.

E tendo em vista que para funcionar à noite o comércio precisa dos seus funcionários, o Delegado Regional do Trabalho esclarece, na comunicação enviada ao Sindicato dos Empregados no Comércio de Maringá, que "é proibido prorrogar a duração normal da jornada diária de trabalho das mulheres e menores, salvo as condições estabelecidas pelos artigos 374 e 375 da CLT constantes do Capítulo III e artigo 415. Capítulo IV do referido diploma legal, observando-se o limite de 48 horas semanais. Para homens maiores de idade, a duração da jornada de trabalho poderá ser elevada por mais duas horas, diariamente, na conformidade com o artigo 59. § 1º da CLT, mediante acordo celebrado entre empregados e empregador, sendo o excesso de horas remunerado em pelo menos 20% superior à hora normal.

2 dez. 1972

Na reportagem "Mulher não pode trabalhar à noite: Comércio", o Delegado regional do trabalho do estado do Paraná proíbe a prorrogação da jornada de trabalho das mulheres e menores tendo em vista o funcionamento do

comércio à noite durante a época natalina. Ribeiro (1999), dissertando sobre a moralidade e sexualidade em Maringá dos anos de 1950 a 1980, denotou que pessoas com práticas que fossem contra o estipulado socialmente eram estigmatizadas e julgadas com rigidez. Exemplos de condutas tidas como malvistas foram: “sair à noite sozinha, ficar até tarde na rua, frequentar cinemas... Sempre evidenciando que a mulher necessita da companhia ou tutela masculina” (RIBEIRO, 1999, p. 347).

Analisando esse contexto, responda:

1. Por que, na reportagem, mulheres e trabalhadores menores de idade constam como preocupação expressa pelo Delegado?
2. Quais as diferenças entre mulheres e homens no que se refere a trabalhar à noite?
3. Por que trabalhar à noite era considerado inadequado para as mulheres? Essa visão dessa época ainda existe hoje? Mulheres que saem sozinhas à noite ainda são malvistas?
4. Faça considerações comparando a notícia com o cenário da atualidade: há pontos em comum que permaneceram através do tempo?

Sugestões de Leitura

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 510-553.

GOLDENBERG, Miriam. Leila Diniz e Cacilda Becker: duas trajetórias exemplares. **Revista Gênero**, Niterói, v. 3, n. 2, p. 57-68, 2003.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 16 n. 3, p. 233-239, set./dez. 2000.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (orgs.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 469-512.

CAPÍTULO 3

Representações da mulher na mídia impressa: uma experiência de análise a partir do Jornal Folha do Norte do Paraná¹

Nesta seção, apresentamos uma experiência de análise de matérias do Jornal Folha do Norte do Paraná que tematizam a moralização do comportamento da mulher, destacando em especial as publicações do ano de 1972. Tais matérias, em sua maioria, foram publicadas na seção “Folha Religião”, que ocupava uma página do Jornal, com conteúdos escritos muitas vezes por membros da Igreja Católica².

A seguir, serão destacados os conteúdos organizados em torno de três eixos: divórcio, erotismo e aborto, trazendo uma análise das matérias quanto às representações da mulher tanto no espaço público quanto privado. Tais temáticas – que estiveram presentes nas pautas de políticas públicas, dos movimentos sociais e também da legislação vigente e em discussão no Brasil naquele período – expressam alguns dos conflitos entre os posicionamentos da Igreja Católica e daqueles decorrentes das mudanças na sociedade/cultura da época. Ademais,

¹ Este capítulo foi escrito em co-autoria com Amanda de Souza Ribeiro, bolsista CAPES pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná, e Gessica Aline Silva, bolsista CAPES pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

² Foi realizada leitura e tabulação das edições do jornal Folha do Norte do Paraná do ano de 1972. As edições foram lidas na íntegra, procurando-se identificar, separar e descrever todas as notícias, reportagens, propagandas, imagens e demais conteúdos que fizessem referência à mulher.

vale ressaltar que as mesmas temáticas, intensas durante a década de 1970, permanecem candentes ainda nos debates atuais, sejam eles protagonizados por líderes políticos e religiosos, pela mídia ou pela sociedade em geral.

Desde sua primeira edição, em agosto de 1962, o Jornal Folha do Norte do Paraná veio se modernizando e incorporando elementos gráficos diferenciados. No início da década de 1960, apresentava poucos anúncios publicitários, e não continha muitas colunas assinadas. De 1962 a 1964, o jornal apresentava as manchetes da capa e da seção esportiva em letras azuis, na primeira e última páginas. Em 1972, começa com determinados elementos gráficos semelhantes aos do ano anterior e ao longo do ano sofre alterações, passando a apresentar seu conteúdo organizado por áreas específicas como “Folha Policial”, uma página toda dedicada ao conteúdo de ordem policial; “Folha Estadual”, dedicada a publicação de notícias do Estado em geral; “Folha Local”, destinada às notícias locais, entre outras.

Encontramos representações da mulher em diferentes espaços do jornal. Podemos destacar que existia uma coluna destinada especialmente ao público feminino, intitulada “Folha Feminina”, que ocupava meia página, geralmente localizada na página 03, com base na qual foram tabuladas 53 matérias. As matérias nessa coluna estavam, em sua maioria, relacionadas a conselhos de beleza, dicas de maquiagem, informações sobre moda, culinária e conselhos domésticos. Nas colunas “Sociedade” e “Folha Sociedade”, que ocupavam uma página, foram identificadas ao todo 141 matérias, onde eram publicadas notas sobre eventos que aconteceram na sociedade de Maringá e região, tais como festas de aniversário, noivado, casamentos, eventos sociais e beneficentes, inauguração de lojas, entre outros.

Da coluna “Zueira”, escrita por Waldir Pinheiro, foram tabuladas 68 matérias onde eram publicadas notícias sobre cinema e sobre o cenário cultural brasileiro e internacional. Nessas matérias, a mulher estava sempre presente como cantora de sucesso, algumas com destaque internacional, informando sobre suas carreiras, se faziam shows em outros países ou se estavam lançando um novo álbum, ou ainda se apresentariam em algum programa, entre outros. A mulher nessa coluna também aparecia como atriz de sucesso, com informações sobre sua carreira e sobre sua vida pessoal.

O jornal possuía também uma coluna policial, a “Folha Policial”, que ocupava uma página. Nesta coluna eram noticiados os acidentes, crimes, roubos e assassinatos ocorridos na cidade e região, dentre as quais encontramos 27 notícias de mulheres que foram espancadas, assassinadas por seus maridos, mulheres que cometeram crimes e sobre o combate à prostituição e ao *trottoir* – isso é, expressão usada para designar o caminhar das prostitutas pelas ruas enquanto ficam à espera de clientes.

Divórcio

A respeito do tema Divórcio, foram identificadas, ao todo, 30 matérias nas edições do Jornal Folha do Norte do Paraná do ano de 1972. Destas, 12 evidenciam a posição contrária da Igreja Católica em relação ao divórcio, sendo tecidas diversas críticas afirmando que tal prática teria sido condenada por Jesus e que os casais deveriam fazer o máximo para manterem o casamento. Outras 10 notícias versavam sobre casais que estavam se separando e 8 tematizavam cursos para noivos, nos quais eram repassadas indicações de como proceder para manter e ter um casamento bem su-

cedido. Os cursos para noivos são apresentados pelo Jornal como uma “vacina” contra o divórcio.



Imagem 1 – Folha do Norte do Paraná (Folha Religião), 26 de Abril de 1972, p. 2-B.

Na matéria *Celibato e divórcio* (26/04/1972), escrita pelo padre Diolindo Coelho, é questionado se a Igreja deveria dar o divórcio para casais que não vivem bem, assim como permitir que alguns padres se casassem. Como resposta, é colocado que a Igreja pode dispensar o celibato para alguns padres por motivos graves, o que tem feito desde 1965, pois esse foi definido pelo Magistério da Igreja e não imposto por Jesus. Em relação ao divórcio, ratifica-se a retumbante negativa, já que Jesus o condenou e por ser o Sacramento do Matrimônio uma instituição divina. Para corroborar o argumento, a matéria faz menção à passagem bíblica, extraída de Mateus 5, 32, que diz: “Eu, porém, lhes digo: todo aquele que se divorciar de sua mulher, a não ser por causa de fornicção, faz com que ela se torne adúltera; e quem se casa com a mulher divorciada comete adultério” (Mateus, 5, 32). Os casais devem suportar-se, continua padre Diolindo Coelho, quando um estiver nervoso, o outro deve permanecer calmo. A matéria ainda ensina

a mulher como lidar com seu marido quando ele chegar em casa tarde ou embriagado, afirmando que:

Se por acaso o marido chegar tarde à casa ou embriagado, a esposa deixe passar a maré. Chegando a ressaca, chame a atenção dele com calma, bons modos e ponderação, tomando o cuidado de rezar antes, pedindo a Deus força de persuasão às suas palavras. Isso, uma, duas, três e até mais vezes. Um dia, Deus atenderá seus pedidos. (Folha do Norte do Paraná, 26/04/1972, p. 2-B).

A matéria ainda afirma que, se os casais não conseguirem viver em paz e houver risco de vida, não precisam viver juntos, mas também não podem casar-se novamente, cada um deve viver sozinho e guardar a castidade como um bom religioso.

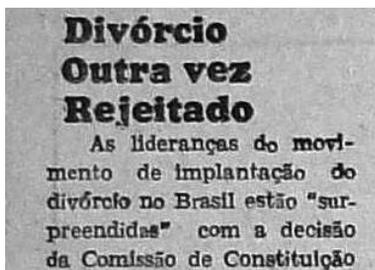


Imagem 2 – Folha do Norte do Paraná (Capa), 06 de Junho de 1972.



Imagem 3 – Folha do Norte do Paraná (Capa), 27 de Janeiro de 1972.

A matéria de capa *Divórcio outra vez rejeitado* (06/06/1972) informa que a Comissão de Constituição e Justiça da Câmara Federal rejeitou o projeto que autorizava a realização de plebiscito sobre aceitação ou não do divórcio no Brasil. A medida contra a legalização da dissolubilidade do matrimônio foi tomada a fim de manter as tradições do país. Em *Plebiscito e divórcio* (27/01/1972) afirma-se que em 1970 a lei de divórcio foi aprovada na Itália

e que, após sua aprovação, grupos católicos mobilizaram-se para tentar anulá-la por meio da realização de um plebiscito, que foi autorizado pelo Tribunal Constitucional da Itália e deveria ocorrer entre Abril e Junho de 1972.

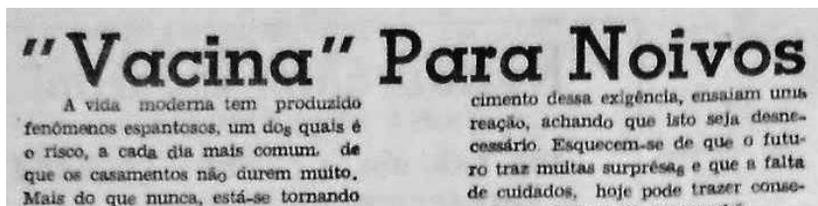


Imagem 4 – Folha do Norte do Paraná, 22 de Janeiro de 1972, p. 3-A.

Na matéria “*Vacina*” para noivos (22/01/1972), é visto com espanto que na vida moderna os casamentos não durassem muito tempo. São comparados com a loteria esportiva, onde é difícil acertar. Critica-se o fato de a sociedade ver a separação de um casal com certa naturalidade, pois há poucos anos era vista corretamente como um escândalo. As causas que estariam gerando a “epidemia de matrimônios infelizes” seriam diversas e complexas. Afirma-se que devem ser tomadas providências para evitar essa epidemia e elas deveriam ser tomadas pelos noivos. Os cursos para noivos seriam uma solução, pois serviriam como uma “vacina” contra a separação de casais. O Sacramento do Matrimônio seria ministrado aos noivos após a entrega de certificado que comprovasse a participação nos referidos cursos, além dos outros documentos solicitados. A matéria finaliza convidando os noivos a procurarem o curso: “se você é noivo, procure um desses cursos e se torne apto para formar uma família feliz, tranquila, permanente, sem os riscos dos desajustes que têm levado atualmente a tristeza a tantos lares em toda parte.” (Folha do Norte do Paraná, 22/01/1972, p. 3-A).

As discussões em torno do tema divórcio, na década de 1970, causaram grandes debates. De acordo com Marlene de Fáveri (2007), a emenda defendendo a implantação do divórcio no país, proposta pelo senador Nelson Carneiro em maio de 1975, gerou inúmeras discussões no Congresso Nacional. Nesse momento, a Igreja Católica, por meio de seus membros, se posiciona contra a implantação do divórcio, “fazendo das procissões de Corpus Christi daquele ano verdadeiras passeatas contra o divórcio, distribuindo, em todas as missas de domingo, panfletos, num total de 50 mil, e recolhendo abaixo-assinados” (FÁVERI, 2007, p. 346). Inúmeros padres, bispos e cardeais por todo o país manifestaram seu repúdio ao divórcio, e as pessoas que o defendiam realizaram discursos aos fiéis salientando as destruições que o divórcio provocaria.

Diante das discussões sobre a temática em todo o país, que estiveram presentes ao longo de toda a década de 1970, o jornal Folha do Norte do Paraná publicou diversas matérias em defesa da família, do casamento e contra o divórcio. Seguindo a linha em defesa da família e pela manutenção do pensamento “conservador”, traz prescrições sobre a importância do casamento e quais os papéis que deveriam ser desempenhados pelo homem e pela mulher nessa união.

Erotismo

Em relação ao erotismo, foram encontradas 12 matérias que alertavam sobre a onda de pornografia que invadia o cinema nacional e as publicações em geral, apontando para uma sensualidade exagerada na moda feminina. Também encontramos 8 notícias sobre a campanha de moralização que vinha ocorrendo desde a década de 1960 contra a prostituição, quando pretendia-se “limpar” a cidade com a retirada das “mulheres indesejáveis”.



Imagem 5 – Folha do Norte do Paraná (Folha Religião),
15 de Dezembro de 1972, p. 8-B.

Em *A pornografia, o mal do século* (15/12/1972), a matéria traz o psicanalista José Angelo, que indica a pornografia como algo degradante e de mau gosto, que transformaria o sexo em um objeto de nojo. O autor defende, assim, sua repressão, pois suas influências seriam extremamente ruins ao ser humano. A desfiguração do sexo, bem como a separação entre amor e sexo, teriam permitido o surgimento da indústria da pornografia, e com isso o aumento da procura por publicações, filmes, livros, entre outros, relacionados a sexo. Esse “mar de lama” ou onda de pornografia estaria afetando a todos e interiorizando em homem e mulheres esses pensamentos.

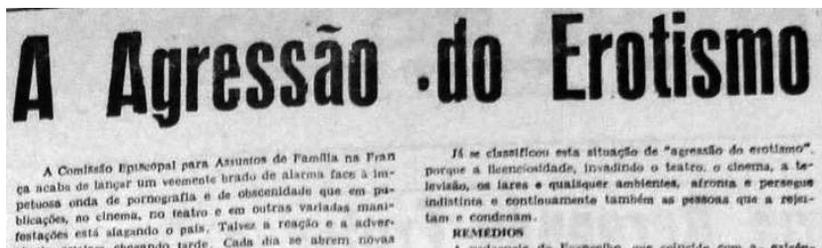


Imagem 6 – Folha do Norte do Paraná (Folha Religião), 04 de Abril de 1972, p. 2-B.

A matéria *A agressão do Erotismo* (04/04/1972), escrita pelo Cardeal Dom Vicente Scherer, arcebispo de Porto Alegre, informa que na França a Comissão Episcopal para Assuntos da Família lançou alerta contra a onda de pornografia e obscenidades que vinham tomando conta do cinema, teatro, publicações, entre outras manifestações. Afirma que os meios de comunicação social seriam responsáveis por transmitir e explorar de diversas formas a ideia de sexo. Critica a publicidade comercial por estar usando a imagem de mulheres provocantes e despidas para vender todos os tipos de objetos, tendo eles relação com a mulher ou não, além de filmes cheios de imagem com cena de perversões sexuais.

A matéria culpabiliza a mulher pela onda de pornografia, afirmando que ela “favorece largamente este mesmo clima de erotismo no ambiente social pelas modas de progressiva redução de pano nos vestidos e pelos modos livres e deliberados de exhibir o corpo sem a reação instintiva de enrubescimento das faces.” (Folha do Norte do Paraná, 04/04/1972, p. 2-B). Coloca que essa mentalidade estaria causando uniões provisórias e passageiras entre os jovens, o uso de drogas, prostituição, além das instabilidades e falta de harmonia nas famílias. Esta situação foi classificada pelo colunista como “agressão do erotismo”, por invadir todos os ambientes, agredir e perseguir também aquelas pessoas que o condenam e rejeitam.

Recorrendo ao trabalho de Carvalho (2001), podemos entender que:

a posição da Igreja no que concerne ao corpo – e ao uso deste – é acima de tudo perpassada por questões de cunho moral, estabelecendo a exclusão dos que não se encaixam dentro dos parâmetros por ela delimitados. [...] no Brasil, a produção e a circulação desses discursos fazem parte de um contexto específico, onde os dizeres da Igreja adquirem o sentido de “produção de verdades”, que tem em vista delimitar as “estratégias de influência” que o contexto estava colocando para a instituição. (CARVALHO, 2001, p. 161).

Como remédio, a matéria ainda apresenta a pedagogia do evangelho, que defende o controle do homem sobre seus desejos, pois a falta de domínio o assemelharia aos irracionais. As mulheres são apontadas como as mais prejudicadas com o avanço do erotismo, porque “o homem obcecado pelo sexo, nela egoistamente só enxerga um instrumento de prazer, um objeto de comércio, um efêmero divertimento, atraente e apetecido, e logo abandonado em busca de outra aventura” (Folha do Norte do Paraná, 04/04/1972, p. 2-B). Finaliza-se afirmando que a reação contra o erotismo deveria partir dos cidadãos cristãos que não toleram os excessos de um paganismo renascente, devendo lutar contra o libertinismo moral.

Ao criticar e culpabilizar as mulheres pela onda de pornografia, entendemos que a Igreja Católica tenta impor, segundo sua moral, como a mulher deve se vestir e comportar-se em sociedade, afirmando que a moda surge com valores prejudiciais, já que a torna apenas um objeto de prazer do homem. As mulheres deveriam comportar-se de acordo com os princípios cristãos.



Imagem 7 – Folha do Norte do Paraná (Folha Religião), 04 de Outubro de 1972, p. 8-B.

A matéria *Na moralidade a solução da crise cinematográfica nacional* (04/10/1972), afirma que o cinema nacional estaria em crise, por ser marcado pela pornografia. O público estaria cansado de filmes com roteiros cheios de nudismo, piadas sujas e afrontas aos sentimentos cristãos, e as famílias estavam deixando de ir ao cinema. O colunista exalta que esse repúdio representa o discernimento e a maturidade da população, fato que seria digno de louvor. A indústria nacional havia conseguido, em uma medida considerada arbitrária, um decreto federal em que os cinemas eram obrigados a exibir filmes nacionais 84 dias por ano. O decreto, no entanto, não teve sucesso, pois acabaram sendo suspensas sessões por falta de público. Com esse fracasso, a indústria cinematográfica tentou conseguir junto ao governo a restrição do número de filmes estrangeiros, acreditando que, se a população não tivesse outra opção, iria assistir aos filmes nacionais com suas piadas e cenas de nudez. Na matéria, solicita-se ainda que os governantes resistam à pressão e procurem estratégias para solucionar o problema, sendo sugeridas duas medidas que poderiam ser tomadas:

A primeira, uma lúcida censura prévia que atire ao lixo os roteiros imorais, os irreverentes para com a religião, os esquerdizantes e subversivos; e segunda uma idêntica varredura dos tarados “doublés” de cineastas que não conhecendo outro ambiente senão o dos cafajestes, não podem dar senão o que têm expressar-se senão com os grunhidos da sua própria linguagem. (Folha do Norte do Paraná, 04/10/1972, p. 8-B).

Com essas medidas, acreditava-se que o cinema nacional recuperaria a confiança da população e as famílias voltariam a frequentá-lo como era antes, pois acreditavam que seria a pornografia a culpada pelo retraimento do público e assim pela crise no cinema nacional e também do internacional. Por fim, pede-se que os espectadores continuem não comparecendo ao cinema e cobrando uma reação do governo contra a “poluição moral”.

As discussões que perpassam as matérias publicadas pelo Jornal e que condenavam o erotismo exacerbado não incidiam apenas sobre os filmes produzidos, mas ocupavam-se também de outras esferas, em especial as relacionadas à moda feminina. É o caso, por exemplo, do texto *Papa condena frivolidade da mulher*, publicado em Março de 1972.

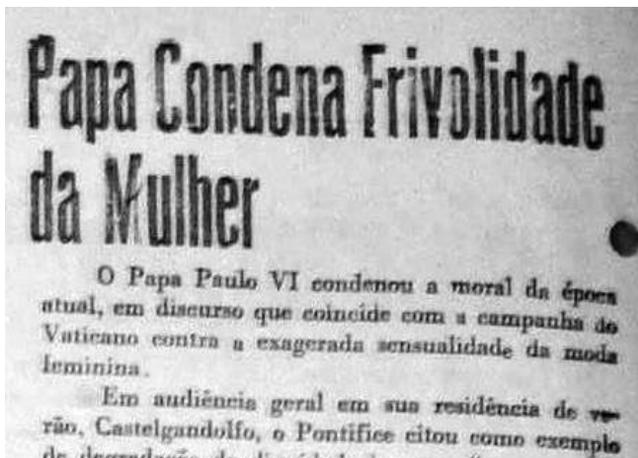


Imagem 8 – Folha do Norte do Paraná (Folha Religião), 22 de Março de 1972, p. 2-B.

No referido texto, o Papa Paulo VI condena a moral da época, em um discurso que ia ao encontro da campanha do Vaticano contra a sensualidade exagerada na moda feminina. Segundo o Papa, “a pouca modéstia das modas femininas, os espetáculos de frivolidade e paixão, a maligna inflação de sensibilidade moral, o favorecimento da sensualidade e a provocadora corrupção da educação sexual” (Folha do Norte do Paraná, 22/03/1972, p. 2-B), seriam exemplos da degradação da dignidade humana. Uma medida tomada pelo Vaticano consistiu na presença de duas freiras na porta da Basílica de São Pedro, impedindo que mulheres com decotes grandes ou joelhos de fora frequentassem o templo religioso. O Papa salientou que “nos tempos modernos, as experiências licenciosas são admitidas e quase até favorecidas, como se fossem conquista de libertação. Mas libertação de que?” (Folha do Norte do Paraná, 22/03/1972, p. 2-B). Segue afirmando que essas experiências dificultam a distinção entre bem e mal, derrubando valores como modéstia, autodomínio e inocência, que seriam responsáveis por manter o equilíbrio entre espírito e carne.

Segundo Carvalho, “No Brasil, entre as décadas de 60 e 80, o investimento da Igreja sobre a sexualidade ocorreu num contexto de intensas modificações sociais e culturais iniciadas na década de 50, quando então o país passou a viver um paulatino processo de mudança e desenvolvimento industrial.” (CARVALHO, 2001, p. 161-162). Assim, ao que parece, o Jornal Folha do Norte do Paraná estabelece uma cruzada ao publicar textos com posicionamentos de líderes religiosos contra determinadas mudanças culturais e no comportamento – em especial das mulheres –, que incidiam sobre a expressão da sexualidade. Diante desse cenário, a religião acaba por defender uma postura de policiamento, incentivando ações de discrição e recato.

Aborto

Com relação à temática do aborto, foram encontradas 8 matérias, todas elas apresentando fortes restrições à sua prática e o colocando como um crime.

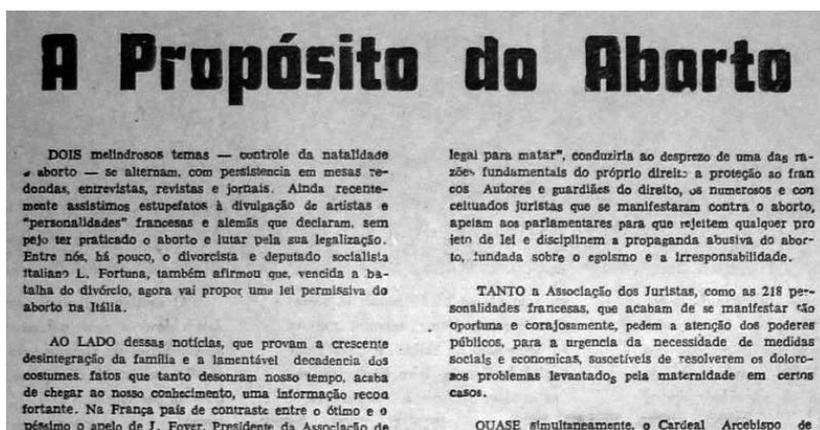


Imagem 9 – Folha do Norte do Paraná (Folha Religião), 24 de Maio de 1972, p. 6-A.

Na matéria *A propósito do aborto* (24/05/1972) é destacado que o controle da natalidade e o aborto seriam dois assuntos que estavam ganhando destaque. A matéria faz críticas a artistas e personalidades francesas e alemãs que assumiram ter praticado aborto e lutavam pela sua legalização. Faz ainda ponderações ao deputado socialista da Itália Loris Fortuna, que defende o divórcio e o aborto, afirmando que esse pensamento provoca a desintegração da família e a decadência dos bons costumes. Na contramão desses defensores, informa que na França o apelo feito por Jean Foyer, presidente da associação de juristas para o respeito à vida, recebeu cerca de 218 manifestações de solidariedade oriundas de professores universitários, diretores de escolas superiores, magistrados, entre outros. Tais pessoas eram contra a legalização do aborto, pois acreditavam que a vida teria início na concepção e a “permissão legal para matar” iria contra o direito à proteção. Os juristas, contrários ao aborto, estariam solicitando aos parlamentares a rejeição a qualquer projeto de lei dessa natureza e que fiscalizassem as propagandas pró aborto, por serem consideradas abusivas, irresponsáveis e egoístas.

Na sequência, a matéria cita que o cardeal arcebispo de Paderborn na Alemanha escreveu uma carta onde dizia que “legalizar o aborto equivaleria a aplicar um novo programa de eutanásia que a execução de um nascituro, não constitui nenhum sinal de libertação e emancipação da mulher.” (Folha do Norte do Paraná, 24/05/1972, p. 6-A). Com essa afirmação, o cardeal estaria contrapondo um dos pontos explorados pelo assunto, em que a mulher só teria os mesmos direitos que o homem se pudesse abortar, sem penalidade legal, e ainda afirma que:

Nessa linha de argumentação pseudo-feminista, logo mais, certas lideranças estão reivindicando a mulher a paternidade, pois esse é um dos direitos do homem. Em todo caso, vê-se sem dificuldade como a concepção

A matéria *Aborto mostra baixo nível moral do nosso mundo* (21/09/1972) informa que em Nova Iorque, um dia após a lei que permite o aborto ter entrado em vigor, cerca de 100 cirurgias foram realizadas. Foram a favor da lei todos os grupos religiosos dos Estados Unidos, exceto os católicos. A lei teria sido aprovada por se acreditar que uma mulher ou um homem pode tomar essa decisão de forma responsável, levando em conta o desenvolvimento do feto, a vida e a saúde da mãe, e sua responsabilidade perante esse ato.

A matéria critica o aborto, afirmando que é um crime já antigo, praticado por sociedades decadentes e corrompidas. Salienta que a morte de milhares de jovens na guerra é lamentada e vista com indignação, mas as várias vidas que são eliminadas a sangue frio, ainda no ventre, pelas mães – chamadas na matéria de criminosas, egoístas e infanticidas – não são lamentadas, e poucas são as pessoas que se indignam com tal ato. Segue trazendo a definição do que seria um aborto criminoso e uma interrupção terapêutica da gestação:

Aborto é a expulsão ou extração intencional do fruto do amor. Ocorre quando é provocada a contração uterina, seja deslocando o ovo, seja retirando-o de mediato. Estas técnicas usadas com o fim comercial ou com o fim de atender a simples vontade do casal constitui, dentro da legislação brasileira, o aborto criminoso, que não deve ser confundido com a interrupção terapêutica da gravidez “está é um pratica que tem que ser indicada por escrito, com aprovação de três médicos, recomendada raríssimamente para salvar uma vida”. (Folha do Norte do Paraná, 21/09/1972, p. 8-B).

Afirma-se ainda que todo aborto é perigoso e traz diversos riscos para a mulher, como hemorragia, infecções e impossibilidade de gerar outro filho. Segundo a matéria, na legislação brasileira, o aborto seria permitido legalmente em casos onde a vida da mãe é colocada

em risco ou em casos de estupro. Já a Igreja Católica não aceita nem em casos extremos, mesmo quando levar a gestação adiante poderia causar a morte da mãe, pois ela não teria o direito de tirar a vida de outro ser humano.

Por fim, afirma-se que somente a educação da população – principalmente a das pessoas mais pobres – e o planejamento familiar de acordo com os princípios da Igreja Católica ajudariam a acabar com a indústria criminosa do aborto, uma vez que sua prática “é o crime que põe às claras o baixo nível moral do mundo contemporâneo. Seres humanos inocentes são vítimas de legisladores que se arrogam o poder de negar-lhes o direito fundamental de nascer. É um dever recorda-lhes que a Deus pertence esta prerrogativa” (Folha do Norte do Paraná, 21/09/1972, p. 8-B).

A partir das matérias apresentadas, podemos verificar o firme posicionamento da Igreja Católica na condenação da prática do aborto. Durante a década de 1970, a temática passou a ser cada vez mais discutida, sendo colocada em pauta, sobretudo, pelos movimentos feministas que ganhavam força no cenário nacional e internacional. Particularmente no Brasil da década de 1970, embora seja possível verificar a aproximação e a luta conjunta da Igreja Católica e do movimento feminista contra a Ditadura, assistiu-se, ao mesmo tempo, a inserção cada vez mais frequente da pauta – feminista – pelo direito da mulher em decidir sobre seu próprio corpo e o número de filhos (SCAVONE, 2008).

Concluindo...

Por meio da análise de algumas das matérias do Jornal Folha do Norte do Paraná do ano de 1972, podemos perceber as influências das

transformações econômicas, sociais, políticas e culturais que vinham ocorrendo em todo o mundo.

Em relação à mulher, a década de 1970 foi marcada pela intensificação do feminismo no Brasil, o que provocou uma onda de novos pensamentos e discussões sobre as relações de gênero e sobre os espaços a serem ocupados por homens e mulheres na sociedade. Discussões em relação ao aborto, divórcio e sexualidade da mulher começam a ganhar espaço na mídia e em outros setores sociais, o que causou o início de uma disseminação de novos modos de pensar e ver a participação da mulher na sociedade. Com essa visão, a bandeira pela igualdade de direitos entre homens e mulheres e pela emancipação da mesma vai ganhando visibilidade e apoio de uma parte da população.

No ano de 1972, notamos, no Jornal Folha do Norte do Paraná, uma crescente onda de matérias relacionadas à moralização e à manutenção dos valores cristãos. A maioria dessas matérias é encontrada na coluna intitulada “Folha Religião”, onde é possível verificar a intensa presença de valores religiosos em conteúdos assinados por membros próximos à Igreja. O Jornal, assim, traz, em suas publicações, ressalvas diante das mudanças na sociedade, exaltando a moral cristã com o intuito de combater a crescente “quebra” dos valores defendidos pela Igreja Católica, como a dissolução do casamento considerado sagrado, o aborto, o erotismo, entre outros, transmitindo aos seus leitores e leitoras que as tradições deveriam ser preservadas para que se pudesse manter a ordem e a harmonia na sociedade e nas famílias.

Por fim, vale destacar que, ao utilizar o Jornal como fonte, ficam evidenciadas as possibilidades de compreensão do período histórico e das representações que permeiam os discursos apresentados em seu conteúdo. Assim, podemos dizer que as notícias, os editoriais, as propagandas, imagens e demais materiais contidos na mídia impressa expressam valores, comportamentos, relações de poder e disputas de

uma determinada época. Acreditamos, desse modo, que a experiência aqui apresentada não apenas valoriza o Jornal Folha do Norte do Paraná como fonte, como também amplia as possibilidades de leitura e compreensão das relações sociais e de poder construídas nas décadas de 1960 e 1970 na região norte do Paraná.

Referências

ALCÂNTARA, José Carlos. O bipartidarismo (1966-1978) e a volta do pluripartidarismo em Maringá. In: DIAS, R. B.; GONÇALVES, J. H. (orgs.). Maringá e o norte do Paraná: estudos de história regional. Maringá: EDUEM, 1999.

ALMEIDA, Angela Maria Menezes de. Feminilidade – caminho de subjetivação. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, v. 4, n. 38, p. 29-44, 2012.

ARAÚJO, Paulo César de. **Eu não sou cachorro não**: música popular cafonca e ditadura militar. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BELELI, Iara. Corpo e identidade na propaganda. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 193-215, jan./abr. 2007.

BÍBLIA SAGRADA. Editora Paulus, 1991, p. 1244.

CAINELLI, Marlene. O que se ensina e o que se aprende em História. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias (coord.). **História: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, p. 17-34.

CAMPOS, Paulo Fernando de S. Moralizando o pobre: vadios, baderneiros e loucos na “cidade tecnicamente planejada para ser bela e sem problemas”. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo (orgs.). **Maringá e o norte do Paraná: estudos de história regional**. Maringá: Eduem, 1999, p. 315-331.

CARVALHO, Maristela Moreira. Sexualidade, controle e constituição de sujeitos: a voz da oficialidade da Igreja Católica (1960-1980). **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 7, n. 9, p. 159-180, 2001.

CASAGRANDE, Iolanda. O trabalhador rural volante (“Bóia-fria”) na região de Maringá, nos anos 70. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo (orgs.). **Maringá e o norte do Paraná: estudos de história regional**. Maringá: Eduem, 1999, p. 221-250.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

CUNHA, Maria de Fátima da. Homens e mulheres nos anos 1960/70: um modelo definido? **Revista Questões & Debates**, Curitiba, n. 34, p. 201-222, 2001.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 113-153.

DESSEN, Maria Auxiliadora. Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, número especial, p. 202-219, dez. 2010.

DIAS, Reginaldo Benedito. Os trabalhadores e a esquerda na resistência à ditadura militar: a greve geral de outubro de 1968 em Maringá. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo (orgs.). **Maringá e o norte do Paraná: estudos de história regional**. Maringá: Eduem, 1999, p. 179-219.

DIAS, Reginaldo; GONÇALVES, José Henrique (orgs.). **Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional**. Maringá: Eduem, 1999.

FARIA; Lia Ciomar Macedo de; CUNHA, Washington Dener dos Santos; SILVA, Rosemaria Josefa Vieira da. Memórias e Representações Femininas: Ideologias e Utopias dos anos 60. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM**, v. 1, n. 2, p. 1-14, out. 2012.

FARIAS, Marcilene Nascimento; TEDESCHI, Losandro Antonio. Quando mulheres se olham ao espelho: representações da mulher ideal na revista *Servas do Senhor*. **Revista Interthesis**, Florianópolis, v. 7, n. 2, jul./dez. 2010.

FÁVERI, Marlene de. Desquite e divórcio: a polêmica e as repercussões na imprensa. **Caderno Espaço Feminino**, v. 17, n. 01, jan./jul. 2007.

GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid; TRINDADE, Zeidi; SANTOS, Maria de Fátima. Mulheres brasileiras e militância política durante a Ditadura Militar: a complexa dinâmica dos processos identitários. **Revista Interamericana de Psicologia**, v. 41, n. 3, p. 359-370, jan. 2007.

GOETZ, Everley Rosane; CAMARGO, Brígido Vizeu; BERTOLDO, Raquel Bohn; JUSTO, Ana Maria. Representação social do corpo na mídia impressa. **Revista Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 226-236, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Mulher no mercado de trabalho: perguntas e respostas, 2012. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf. Acesso em: 10 maio 2016.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARZ, Lília Moritz (org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia da Letras, p. 559-658, 2006.

MIGUEL, Raquel de Barros. Os cuidados de si e os cuidados do outro: lugares de gênero na publicidade da revista *capricho* (décadas de 1950-1960). **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 45, p. 219-242, dez. 2012.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina**. São Paulo: Moderna, 1999.

PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; MEZZOMO, Frank Antonio. Jornal em sala de aula: relações de gênero na Educação Básica. In: ALVES, Fábio Lopes; CARVALHO, Marco Antonio Batista; ESTRADA, Adrian Alvarez (orgs.). **Desenvolvimento da Educação Básica: desafios contemporâneos**. Curitiba: CRV, 2015, p. 27-46.

PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; MEZZOMO, Frank Antonio. **Mulheres e relações de gênero: o jornal como fonte e recurso pedagógico**. Material didático. Campo Mourão, 2014. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/culturaepoder>.

PAULA, Antonio Roberto de. **O jornal do bispo: a história da Folha do Norte do Paraná**. Disponível em: <http://jornaldobispo.blogspot.com/2010/04/livro-o-jornal-do-bispo-historia-da.html>. Acesso em: 16 maio 2016.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **Revista História**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

PEREIRA, Juliana dos Santos; COELHO, Fabiano. Considerações Sobre o “Milagre Econômico” Brasileiro na Imprensa Douradense (1970-1973). **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 4, n. 8, p. 1-19, 2010.

PINSKY, Carla Bassanezi. Imagens e representações 1: a era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 469-512.

PRIORE, Mary Del. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Senac, 2009.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (orgs.). **Masculino, feminino**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998, p. 1-17.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 578-606.

RIBAS, Ana Claudia. A Boa Imprensa, a política e a família: os discursos normatizantes no jornal O Apóstolo (1929-1959). **Espaço Plural**, Marechal Candido Rondon, n. 24, p. 96-106, 2011.

RIBEIRO, Edméia Aparecida. Moralidade e sexualidade feminina em Maringá: um estudo nos jornais de nos processos de crime de sedução, 1950-1980. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo. **Maringá e o Norte do Paraná**: estudos de história regional. Maringá: EDUEM, 1999, p. 333-350.

ROBLES, Orivaldo. **A igreja que brotou da mata**. Maringá: Ed. Dental Press, 2007.

ROSA, Rita de Cássia Vianna. **As mulheres de “Paraiburgo”**: representações de gênero em jornais de Juiz de Fora/MG (1964 a 1975). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2009.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. “Sempre bela”. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 105-125.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 35-50, maio/ago. 2004.

SASAKI, Silvia. Santos evangelhos e fotonovelas: presença religiosa nas páginas do periódico Jornal das Moças (1948-1965). **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 3, n. 9, jan. 2011.

SCAVONE, Lucila. Políticas feministas do aborto. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n.2, p. 675-680, maio/ago. 2008.

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 15-42.

SCOTT, Joan. Prefácio à Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 3, p. 11-27, 1994.

SILVA, Márcia Pereira; FRANCO, Gilmara Yoshihara. Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 4, n. 8, p. 1-11, jul./dez. 2010.

SOIHET, Rachel. Preconceitos nas charges de O Pasquim: mulheres e a luta pelo controle do corpo. **Revista ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 39-53, jan./jun. 2007.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.

TOMAZ, Paulo César. A região norte do Paraná e a formação da cidade de Maringá. **Revista Semina**, Passo fundo, v. 8, n. 2, p. 1-19, 2010.

VESTERGAARD, Torben; SCHRØDER, Kim. **A linguagem da propaganda**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIANNA, Claudia; RIDENTI, Sandra. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. In: AQUINO, Julio G. (org.). **Diferenças e preconceito na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998, p. 93-105.

VILHENA, Junia; MEDEIROS, Sergio; NOVAES, Joana. A violência da imagem. Estética, feminino e contemporaneidade. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 109-144, 2005.

SOBRE OS AUTORES

Cristina Satiê de Oliveira Pátaro

Professora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná – Unespar, Câmpus de Campo Mourão/PR. Doutora em Educação pela USP. Bolsista produtividade da Fundação Araucária. E-mail: crispataro@gmail.com

Frank Antonio Mezzomo

Professor do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná – Unespar, Câmpus de Campo Mourão/PR. Doutor em História Cultural pela UFSC. Bolsista produtividade da Fundação Araucária e Líder do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder. E-mail: frankmezzomo@gmail.com

Amanda de Souza Ribeiro

Mestranda e bolsista CAPES pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná – Unespar, Câmpus de Campo Mourão/PR. Graduada em Pedagogia pela mesma instituição. E-mail: amandasouzapp@hotmail.com

Géssica Aline Silva

Mestranda e bolsista CAPES pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Câmpus de Marechal Cândido Rondon/PR. Graduada em História pela Universidade Estadual do Paraná, Câmpus de Campo Mourão. Foi acadêmica de Iniciação Científica (Bolsista CNPq) vinculada ao Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder. E-mail: gessica58@hotmail.com

GRUPO DE PESQUISA CULTURA E RELAÇÕES DE PODER

Este material é parte dos resultados de pesquisas realizadas por membros do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder junto ao acervo do Jornal Folha do Norte do Paraná. Os trabalhos desenvolvidos contaram com a participação de pesquisadores e estudantes vinculados a projetos de Mestrado, Iniciação Científica e Iniciação Científica Júnior, com bolsas concedidas pela Fundação Araucária, CNPq e CAPES, além de estudantes de graduação voluntários.

Pesquisadores

Frank Antonio Mezzomo

Cristina Satiê de Oliveira Pátaro

Estudantes

Adriana de Cássia dos Anjos

Amanda de Souza Ribeiro

Ana Paula Zubeck

Andressa Paula

Bruno Souza Picinini

Cleverson de Lima

Daiana Nunes

Elaine Leal Jacomel

Flavia Brunetta Daboit

Géssica Aline Silva

Ivania Skura

Jane Kelly Araújo

Laiza Suelem Barroso Campos

Lara de Fátima Grigoletto Bonini

Lucas Onofre

Mara Cristina de Moraes Machado

Maria Eduarda Martins de Souza

Mariele Eloisa Pinzan

Marina Ribeiro de Almeida

Thaís Serafim dos Santos

Valeria da Silva Almeida



O Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder, constituído em 2007, tem como objetivos desenvolver pesquisas em uma perspectiva interdisciplinar, acerca das relações de poder presentes nas definições culturais, sociais e econômicas, bem como organizar e promover investigações com base em acervos documentais que viabilizem a compreensão da formação da cultura e das identidades. Integra pesquisadores, alunos e colaboradores de diversas áreas do conhecimento, com intuito de estimular a reflexão e produção científica.

Nos últimos anos, tem desenvolvido pesquisas voltadas para temáticas como: religião, política e espaço público; juventude, formação humana e identidades; representações da mulher e desigualdades de gênero; metodologias de ensino, formação de professores e tecnologias educacionais.

O Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder está organizado em duas linhas de pesquisa:

- Cultura e identidades: tem como objetivo levantar e explorar hipóteses explicativas sobre as intersecções entre a cultura e as identidades na formação histórico-social.
- Estudos e organização de acervos documentais: busca discutir questões teóricas e metodológicas voltadas à organização de arquivos e sua consequente análise, assim como fornecer aporte técnico no tratamento arquivístico, seguindo procedimentos de higienização, tratamento, arranjo e descrição de acervos documentais.

O site mantido pelo Grupo apresenta informações sobre os projetos de pesquisa desenvolvidos, disponibilizando ainda os artigos, capítulo e livros publicados, bem como os acervos documentais, que podem ser consultados em: <http://www.fecilcam.br/culturaepoder>.

DIAGRAMAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO:



Assis - SP
Fone: (18) 3322-5775
Fone/Fax: (18) 3324-3614
vendas@graficatriunfal.com.br
www.graficatriunfal.com.br